Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of Illinois Urbana-Champaign

https://archive.org/details/obrasileracaconf00pere

918.1
B47b

BAPTISTA PEREIRA

O BRASIL E A RAÇA

SÃO PAULO — 1928

918.1
B47b

BAPTISTA PEREIRA

O BRASIL E A RAÇA

SÃO PAULO — 1928

Á illustre redacção do

Diário da noite

O

Auctor

O BRASIL E A RAÇA

Foram impressos nesta edição duzentos exemplares em papel de linho "Commercial Ledger" numerados e rubricados pelo autor.

EMP. GRAPHICA ROSSETTI Ltda. - rua gusmões, 28 - S. Paulo - 1928

BAPTISTA PEREIRA

O BRASIL E A RAÇA

CONFERENCIA FEITA NA FACULDADE DE DIREITO DE SÃO PAULO A 19 DE JUNHO DE 1928.

SÃO PAULO — 1928

918.1
B47b

ESPIRITO NACIONAL

O Brasil é dos brasileiros. Mas, para que o seja sempre, é preciso, antes, que os brasileiros sejam do Brasil. Por que essas palavras?

Porque quem observa com attenção o nosso paiz, nota que lhe falta espirito nacional. Não o espirito nacional capaz de todos os sacrificios na hora do perigo. Mas o espirito nacional numa forma mais energica e menos estatica: o espirito nacional no estado radiante.

Um méro confronto com a Argentina mostra que os seus estadistas e pensadores conseguiram criar um estado psychico, feito de orgulho e ancia de aperfeiçoamento, que se traduz numa simples palavra: *la argentinidad*.

Esse grande principio, que inspira a imprensa, o magisterio e a politica, leva a todos os corações argentinos a sua formidavel luminescencia. A esse clarão aprendem as crianças a historia, e os homens o dever militar, que ali é uma consequencia da cidadania.

Ali, na visinha Republica, seriam impossiveis mestres que praticassem a detracção da Patria, e militares que fornecessem argumentos a possiveis reivindicações ou desforras estrangeiras, obrigando os paisanos a dar-lhes lições, quando não de historia, de civismo.

Como a Argentina nos ensina a escrever a historia dentro das finalidades nacionaes! Piedosos euphemismos dissimulam, nos seus livros didacticos, os erros e faltas dos antepassados. Os compendistas elementares, quando tratam de um Rosas ou de um Guemez, deixam de lado os seus defeitos para só destacarem, das suas existencias, o lado nobre, o momento feliz em que encarnaram a reacção contra o estrangeiro. O alumno argentino nunca regressaria da escola para o lar sentindo nas faces o rubor de pertencer a um paiz que praticou a covardia de esmagar, sem motivo um visinho fraco.

Aqui, no Brasil, dá-se exactamente o contrario. Estabelecimentos de ensino ha, em capitaes dos mais cultos Estados, onde professores de Historia do Brasil omittem a Guerra do Paraguay, para não falar dessa «vergonha nacional». Outros, de tradição quasi secular, adoptam compendios onde se vilipendia o Imperador, apontado como autor da Guerra do Paraguay, e onde,

entre os fundadores da Republica, se omitte o nome de Ruy Barbosa, seu organisador. Com este, o desplante chega ao ponto de se escrever que a lei de separação da Egreja do Estado é da autoria de Benjamin Constant. O caso aqui se complica de insensibilidade moral. Trata-se dum facto material, dum decreto cujo autographo tem sido varias vezes reproduzido em clichés pela imprensa. Como explicaria esse mestre aos alumnos o estellionato historico?

Homens que vestem farda e prestaram juramento á bandeira, desdenhando documentos que confessam não ler, repetem, com a renitencia dos relapsos, que, na Guerra do Paraguay, todas as culpas foram nossas. Embalde luzeiros do nosso exercito como Souza Docca e Mario Barreto mettem-lhes pelos olhos a dentro textos irrefragaveis, officiaes, insuspeitos, de origem paraguaya e platina. Nem se dão ao trabalho de lel-os, porque Teixeira Mendes não podia errar... O mecanismo da sua logica é o *magister dixit*. Não admira. O proprio Teixeira Mendes negava a possibilidade da navegação aerea, porque Augusto Comte não a admittia. Como ainda ha pouco accentuava o sr. Medeiros e Albuquerque, o governo brasileiro, soffreu, quando auxiliou as experiencias de Augusto Severo,

uma campanha do positivismo, porque o philosopho de Monpilhér suppunha insoluvel o problema da dirigibilidade. Poderia o brilhante escriptor ter ajuntado que a vaccinação obrigatoria e os expurgos domiciliares, medidas cuja imperiosa legitimidade seria ridiculo encarecer, provocaram campanhas eguaes do comtismo.

O positivismo tem sido, no Brasil, o maior dissolvente do Exercito, confessavamo, ha pouco, comquanto sympathico ás linhas geraes da doutrina, um dos mais brilhantes officiaes brasileiros. Preconisando a dispensabilidade das classes armadas, graças á theoria de que passou o seu tempo, tudo envidou essa escola para quebrar-lhe as molas do enthusiasmo e da fé. Tirando-lhe a consciencia da sua significação nacional, concitou-o virtualmente á indisciplina. Afrouxou os laços de obediencia ao poder civil, que um Foch, supportando as rabujices de Clemenceau, julgava necessarios á grandeza da sua missão de salvador da França.

Mas não param ahi as responsabilidades do positivismo. Encampando a glorificação de facinoras como Francia, abriu caminho para a de Lopez. Condemnando os nossos estadistas, que guiaram a espada dos nossos generaes, tentou apodrecer, no coração do

exercito, as raizes das suas mais gloriosas tradições, e plantar, em logar dellas, a arvore exotica da *paraguaydad*.

Cabe aqui ventilar um problema de ethica militar. Póde conciliar-se com a missão de defensor da Patria, verdadeiro sacerdocio cuja profissão de fé implica a renuncia de tantos e tão sagrados sentimentos pessoaes, o papel de advogado de paizes estrangeiros?

Que o digam os officiaes de todos os exercitos do mundo.

Permissivel, talvez, aos historiadores, necessaria, talvez, nos sociologos, essa liberdade de idéas, esse ponto de vista de Sirius, essa falta de preconceitos raciaes torna-se, no que professou a sagrada missão de defensor da nacionalidade, um crime de lesa-patria incompativel com a honra militar.

Quem dá razão a um paiz estrangeiro contra o seu, principalmente numa questão secular, possivel de renovação quando menos se espere, fornece armas contra elle, pratica um crime mais grave do que o da espionagem, torna-se um agente provocador do estrangeiro. Quem tem idéas desse jaez, antes de expendel-as deve praticar o unico acto compativel com a dignidade: despir o uniforme. Vir para a rua detrahil-o, emquanto o envergar, é um sacrilegio que faz

estremecer no tumulo os ossos dos que cahiram no campo do dever amortalhados na honra de vestil-o.

A profissão das armas não é uma escola de mataphysica, nem um jardim de Acádemus. E' um duro e penoso noviciado, onde se renunciam affeições e direitos, onde a liberdade de analyse expira nas fronteiras do interesse nacional. Perdem tempo, por isso, os rancores mais ou menos fardados que tentam se me atravessar no caminho. Entre as unhas de tamanduá das suas protervias e as verdades que estou defendendo está a consciencia nacional.

Poucos factores terão concorrido tanto para o descaso com que se olha, no Brasil, a nossa missão historica quanto o esmorecimento da susceptibilidade nacional, cujo maior centro sensitivo é, em toda a parte, o exercito.

Sinto-me á vontade para essa affirmação. Amigo da paz e do desarmamento, que logicamente implica a extincção das corporações armadas, parece um contrasenso que affirme a missão providencial dos exercitos quem propugna pelo seu desapparecimento. Contradição apenas apparente. O desarmamento é um ideal remoto. Só se póde realisar depois da formação e do amadurecimento de uma pan-consciencia capaz, pela

sua força, de sobrepôr-se aos regionalismos e de curvar as rivalidades internacionaes ante os interesses da especie.

Mas, emquanto não surgem novas gerações cuja mentalidade organise um systema de freios e contrapesos, tanto moraes como materiaes, que impossibilite o espirito de conquista, é preciso que cada nação, de sobreaviso, fazendo-se respeitar, tire ás outras, quasi sempre as visinhas, as tentações de aproveitar-se da sua fraqueza.

O Brasil, mais que nenhum outro paiz, tem necessidade de um exercito. Mas estricta e disciplinarmente alheio á politica. O ingresso ás armas deve implicar uma abdicação total, como a entrada numa ordem religiosa. Tem de ser um voto civico de renuncia. As forças armadas são a columna vertebral da patria, o mecanismo anatomico que a conserva de pé. Quem lhe quizer pertencer tem de apurar, no mais alto gráo, o espirito de sacrificio, que é a sua essencia, e que é mais incompativel com a indisciplina espiritual do que com a material.

Uma rigorosa selecção deve preceder a admissão nas fileiras, de cujo estagio deve depender a conquista da cidadania, e a primeira lei do Decalogo militar tem de ser esta: «Tens de ser soldado e mais nada».

A gloria de defender a nação, de ser a sua tranquillidade e a sua honra, compensa bem os sacrificios dessa classe privilegiada que, encerrada dentro na sua missão, deve ser a primeira, a mais cercada de carinho no coração de seus patricios.

Os exercitos — e nessa expressão comprehendo tanto as forças de mar quanto as de terra — valem pelo que sentem. O patriotismo é a metade da victoria.

Dos factores em jogo nos conflictos internacionaes, a Grande Guerra veiu provar que, em ultima analyse, o mais poderoso é o espiritual. Só elle tira partido das armas e efficiencia do preparo bellico. Todos os calculos de probabilidade, que repousam apenas sobre differenças materiaes, elle os tem desmentido com a surpresa dos seus milagres.

Quantas vezes o principio espiritual não tem conseguido vencer, antes de lutar! Tal a sua importancia e o seu peso, que batalhas houve, ganhas por um lado e perdidas por outro, antes de travadas.

Não precisamos ir muito longe para proval-o. Quando as reivindicações liberaes da Argentina defrontaram o caudilhismo de Urquiza, nos campos de Pavon, dir-se-ia, que o choque das duas phalanges não passava de uma formalidade. A batalha estava

de antemão perdida pelo regulo entre-riano, assegura, sem temer renunciar aos loiros da peleja, o proprio Mitre que o desbaratou. O apparato das forças não passava de méra formalidade. O espirito nacional argentino, simples factor imponderavel, vencera de antemão as resistencias da força bruta, viva na apparencia, no numero dos soldados e no poder dos armamentos, mas de facto inerte na medulla de acção.

A primeira mobilisação de um paiz é a mobilisação espiritual. O seu mais poderoso armamento está nas almas. Sobrepairando ás suas dissenções internas, a França poude improvisar as maravilhas da sua resistencia, porque cada coração francez, bonapartista, orleanista, socialista, communista ou radical, na hora das grandes reivindicações, se sentia ligado ao seu adversario de ontem por uma affinidade inaccessivel a velhos rancores.

E' que todos os grandes paizes mantêm um terreno sagrado onde não penetra a discussão. E' ahi nesse campo de concentração moral que se reunem todos os filhos de uma patria ameaçada.

Terá o Brasil esse recinto sagrado onde, ao primeiro vestigio de perigo, se reunam todos, sem distincções de origens e principios? Tem-no. Não será preciso que Ca-

tilina bata ás portas de Roma para proval-o. Nem por isso comtudo se deve deixar o campo livre aos que intentem destruil-o.

Pela sua immensidade geographica, pela difficuldade de communicações, o Brasil é um organismo onde o sangue do pensamento corre lentamente. A sua circulação topa, no curso, com as concreções com que a paixão politica e a imprevisão do futuro lhe tem obdurado as arterias mais nobres. Temos de combater por todos os meios esses agentes da esclerose e de dissolver esses sedimentos vasculares.

A primeira necessidade do Brasil é crer em si proprio. Conhecendo a sua historia, encarando de frente as accusações de inferioridade que se lhe fazem, convencendo-se da inanidade das prophecias pessimistas com que o preconceito ou o odio lhe têm medido a curva no futuro, terá elle a consciencia de si proprio e poderá proseguir na sua jornada.

Não podemos consentir que o Brasil seja um eterno calumniado. Precisamos dar-lhe a consciencia exacta do que vale. Nem o delirio laudatorio, nem o pessimismo negativo. Entre essas duas correntes ha logar para a critica imparcial e serena.

Até ha pouco, vergavamos a cabeça sob imaginarias culpas na Guerra do Paraguay.

Não nos déramos ao trabalho de destrinçar a meada de documentos que escondiam a sua genese e os seus propositos. Acceitavamos como definitiva a versão tecida pela habilidade paraguaya com o engenho de uma rendeira de inhanduty.

Não me dobrei á calumnia historica. Desconfiando-lhe da veracidade, não me conformei com recebel-a sem verificar-lhe as fontes. Corri archivos, colligi documentos, confrontei informações e breve conclui e demonstrei que a Guerra do Paraguay fôra provocada por este. Attestado de que o meu trabalho destruiu a diatribe historica foi que ninguem me poude responder no terreno dos documentos que exhibi. Os mais renitentes limitaram-se a invectivas pessoaes, rechinantes de despeito. Quanto ao nucleo da questão, porém, não lhe tocaram. Ao passo que as outras nações tudo envidam para elevar o caracter nacional, nós recebemos as campanhas de humilhação estrangeira como si a nossa sensibilidade estivesse revestida da coiraça do tapir.

Uma vasta propaganda em castelhano, cujo ponto de irradiação visivel é o Paraguay, dissemina por todas as republicas néo-espanholas a noção de que somos um paiz aleivoso, que se constituiu geographicamente com terrenos usurpados, dos quaes é

preciso expropriar a nossa «população de negros e mestiços.»

Raros são, desses paizes néo-castelhanos, os que não têm um escriptor a serviço da calumnia historica que inspira despropositos desses, desde o Mexico, com Carlos Pereyra, até o Uruguay com Luis Alberto de Herrera, deixando em meio a Venezuela com o seu reboante e vasio Vargas Vila.

De quanto tem calado essa campanha contra nós é medida um artigo recente, de um escriptor colombiano, de que nos falou Ronald de Carvalho no *O Jornal*. Prophetisando a nossa desintegração em tres pedaços, aquelle lemure cadaverico de Solano Lopez concita as outras republicas sul-americanas a cortarem, cada uma, o seu quinhão nas nossas fronteiras. Esse convite para uma churrasqueada, onde fazemos o papel de rez morta, em cujo lombo cada qual dos convivas vae cortar o tassalho de carne para o brazeiro, dá bem a medida de como nos encaram em certas rodas permeaveis á campanha lopezguaya.

Não nos podemos todavia queixar. Não o fazem sinão em virtude de uma propaganda que nunca procurámos destruir e reduzir á sua indiscutivel inanidade. Não o fazem sinão apoiados nos escriptores brasileiros que nos apontam como algozes do Paraguay.

SYSTEMATISAÇÃO DA BRASILIDADE.

Si queremos ter uma consciencia collectiva que não nos falhe no momento opportuno, é preciso primeiramente crear as consciencias individuaes, que a constitúem. Esse trabalho deve começar nas escolas, proseguir nas academias e systematisar-se em cadeiras especiaes, nos centros de cultura superior. Precisamos ser um paiz varrido de calumnias. Precisamos criar um Brasil novo. Precisamos mostrar ao estrangeiro o Brasil tal qual é. Precisamos fazer a integralisação espiritual do Brasil. Para isso, não são precisos esforços de imaginação. Basta dizer rigorosamente a verdade.

Antes que cada brasileiro sinta brasileiramente o Brasil, este não será capaz de esforços uteis no caminho do aperfeiçoamento. O corpo compõe-se de cellulas vivas. Todas ellas contribúem para o equilibrio geral. Quando ha cellulas degenerescentes ou malignas, o organismo soffre, sem o querer, o influxo nefasto das zonas enfermas e perde o melhor da sua energia. Regiões

existem no Brasil, das mais povoadas, que estão apenas á espera de motivos para acendrar pelo raciocinio o amor instinctivo da patria, que receberam no berço. As nossas populações do sul, onde a mescla européa é tão forte, os sertanejos do meio-dia, os caboclos nordestinos e os *paroaras* da Amazonia, quando souberem o que é realmente o Brasil sentir-se-ão orgulhosos de lhe pertencerem. Precisamos não deixar ao *criollo* dos pampas e dos contrafortes andinos, em cuja cutis bronzeada ainda reponta o indio, e que se glorifica de ser argentino, o privilegio de ter como caracteristico primacial o orgulho da patria.

Ao lado de cada abecedario deve haver um resumo da nossa historia tal qual é. A primeira consequencia da alphabetisação deve ser gravar no coração do alumno a imagem da Patria. E cada mestre que sáia das Escolas Normaes deve ser, tanto como um professor, um apostolo desse culto.

Esta sub-estructura espiritual tem de ser o alicerce, o baldrame, o enrocamento do edificio nacional. Com ella poderemos fazer milagres. Sem ella, estamos votados á desintegração que vaticinava o escriba colombiano. Realisaremos a prophecia de Herbert Spencer, de que as sociedades fraca-

mente organisadas estão á mercê de seus visinhos. Esse trabalho de architectura nacional tem de ser a obra de muitas gerações. Não cabe nas forças de uma só, que poderá, quando muito, traçar o seu delineamento.

A TRANSFORMAÇÃO DO JAPÃO

DIR-SE-Á, talvez, que o desejo de tal realização transcende os limites do possivel. Retorquirei que não, e com um exemplo mais ou menos recente.

Em peores condições de cultura se achava, incontestavelmente, o Japão de 1865. Tudo ali estava por fazer, ao passo que nós, embora pouco, alguma coisa temos de feito. Um estadista amarello realisou a irmanação de Washington e Sarmiento, necessaria para tal emprehendimento. O Marquez de Ito, primeiro ministro do Imperio, traçou o programma de reconstrucção nacional.

O seu primeiro cuidado foi a criação dos operarios que deviam realisar a grandeza nipponica. Viu que, sem elites humanas, todo o seu esforço seria improficuo. E, como as elites humanas não se formam sinão pela acquisição das conquistas seculares da sciencia, cujos repositorios unicos estavam então no Velho Mundo, nas universidades, nas escolas profissionaes, nas officinas, nas forjas, nas usinas, nos laboratorios, espalhou por elles, como bandos de andorinhas, os pequeninos descendentes

dos samurais, que, em breves annos, de regresso ao lar, trariam ao velho Imperio dos Choguns as fórmulas da sua evolução e os instrumentos do seu progresso. Em cerca de meio seculo, durante o reinado de Mutsu-Hito, o Japão correu os seculos de civilisação que o separavam do Velho Mundo. Dir-se-ia que calçára as botas de sete leguas da fabula, nesse páreo do progresso. E um bello dia a humanidade, attonita, contemplava este espectaculo quasi maravilhoso: o pequenino guerreiro oriental vencera, peito a peito, em luta descoberta, o colosso slavo, cuja musculatura dominara a de Napoleão e que, depois de Waterloo, fôra, por decennios e decennios, um dos arbitros do Universo.

IDÉA E ACÇÃO

A acção, antes de ser acção, é, foi e será sempre idéa. O braço não move a cabeça, e, emquanto a cabeça mover o braço, a idéa predominará sempre sobre o gesto, seu escravo.

A vida é toda acção, toda energia e movimento. A realidade pratica e a acção constitúem uma symbiose politica, desde que a arte de governar tomou o progresso por escopo. Mas proclamar que a acção prescinde do pensamento ou contenta-se com as suas linhas elementares é um tal disparate, que inspira apenas compaixão. Muito vale o trabalho dos pontoneiros numa campanha militar. Mas muito mais o plano do Estado maior que os dirije de longe, e que abrangendo todo o movimento de tropas decide da batalha.

A idéa tem, muita vez, consequencias mais duradouras que as maiores batalhas. A questão é vel-a em tempo opportuno. Móra o raio no ceu limpo de nuvens. Todos sabem que existe, mas o sorriso do azul

faz esquecel-o. Assim nos dias communs ninguem dá á idéa a importancia que lhe tem de reconhecer quando fulmina e sidera.

Vamos vêr como uma idéa pode salvar ou perder um imperio.

O ERRO DE NAPOLEÃO

QUANDO Napoleão, em 1807, se achava na Europa Central, á frente do exercito que ganhara a batalha de Austerlitz, uma idéa se lhe radicava no espirito. Embriagado pela gloria das armas e lançando o olhar sobre o universo, chegou o moderno Cesar á conclusão de que os destinos do mundo se decidiam em terra: «E' em terra, dizia, que hei de decidir os destinos do mundo e abaixar a cerviz da propria Inglaterra».

Passam-se os tempos. O homem que vencera a Europa colligada e quebrara o orgulho dos netos de Carlos Magno e de Pedro o Grande, desdenha da sua marinha de guerra, e a descoberta de Fulton, que ia revolucionar o mundo, apenas lhe merece uma nota laconica, recommendando a um dos seus ministros que a estude com cuidado. Não foi obedecido. Fulton transpoz o oceano com o seu invento e levou aos Estados Unidos uma das bases mais indiscutiveis da sua grandeza: a primazia da navegação a vapor.

Napoleão fica com a terra e deixa os mares á Gran Bretanha, que se conserva fiel ao rumo politico traçádo pelo genio de Chatham. Tinha o grande Côrso escripto a sua sentença de morte. O pensamento do primeiro Pitt, transmittido ao segundo, mesmo depois deste desapparecido, haveria de constringil-o entre as malhas da sua politica naval, como a serpente oceanica entre cujas roscas estalaram os ossos de Hyppolito.

Qual foi mais fertil em consequencias: a victoria de Austerlitz ou o erro mental da supremacia em terra? O sol de Austerlitz durou dez annos apenas. Afogou-se em clarões de sangue naquella triste noite de 15 de Junho de 1815, em cujo crepusculo desappareceram os derradeiros granadeiros da Guarda Imperial em Waterloo.

Cahira Napoleão, a quem só restava Santa Helena. Pagava, com lingua de palmo, o tributo de um erro. Si alguem lho tivesse opportunamente demonstrado, teria prestado á França um serviço maior do que os de todos os homens praticos, que então como Chaptal creavam ou ressuscitavam a industria franceza.

Rude lição para os ordenanças dos factos concretos! Invisivel, immaterial, inexistente quasi, a idéa de William Pitt, de

que os destinos do mundo pertenciam ao mar, derruba o colosso que parecia tel-a vencido em Austerlitz.

Não acreditemos sómente nas forças visiveis da opulencia e do progresso material. Procuremos as ideas antecipadoras da realidade futura. Estão esparsas no ambiente moral idéas eguaes ás que fizeram a grandeza da Inglaterra. Procuremol-as. Descubramo-las. Realizemol-as. O Brasil ainda é, como o Amazonas, um rio que procura o seu leito. Procuremos consolidar-lhe as margens. Aproveitemos a lição dos dois William Pitt. Convençamo-nos de que os destinos do Brasil estão no coração dos brasileiros.

Capacitemo-nos de que somos uma raça capaz das maiores realisações. São as depressões que fazem as derrotas. Conheçamo-nos. Não nos temamos de encarar frente a frente a accusação de mesclagem, com que nos malsinam certos escriptores estrangeiros e que continúa hoje tão virulenta como quando Buckle escrevia de nós, ha mais ou menos setenta annos, que a natureza aqui não deixara logar para o homem.

B U C K L E

REFLECTINDO noções entrevistas pelos antigos gregos, mas ainda não systematisadas, Thomaz Buckle fez da formidavel influencia que o meio physico exerce sobre o homem, influencia que Taine se encarregaria de popularisar, a base do seu processo de investigação historica.

Na obra desse precursor da anthropogeographia ha traços de genio. O seu subsidio para a historia das idéas é dos mais preciosos. Mas as suas observações sobre o Brasil, deficientes e apressadas, inquinam de erro todas as suas conclusões a respeito deste pedaço da America. Falhando-lhe as premissas sobre o meio, que não conhecia, as conclusões tinham de falhar.

O Brasil que Buckle via era, do Amazonas ao Chuy, uma vasta floresta continua, cercada, de momento a momento, de maravilhosas pastagens onde o gado se desenvolvia em profusão e onde a existencia do homem, acabrunhado pelo calor, não tinha nem ideal, nem objectivo superior, nem ambição de progresso. O celebre trecho em que lavra a nossa sentença de inferiori-

dade racial devido ao meio é a prova inconcussa do seu alheiamento á nossa realidade geographica e climaterica. A sua affirmação de que a natureza esmaga irremissivelmente o homem será, talvez, um facto na região amazonica, a unica que se coaduna com a sua descripção. De lá para baixo, com escassas excepções tudo é differente. As grandes florestas e os grandes rios, que elle pinta, desapparecem em immensos trechos do nosso territorio. O Nordeste não conhece nem o Inferno Verde, nem o systema fluvial que elle nos dá irreflectidamente como uma constante hydrographica. O S. Francisco e seus affluentes transformam-se, de grandes correntes, em minusculos filetes d'agua lodosa, que apenas dão para empapar a crôsta das ipueiras.

Do Pará para o sul não temos uma provincia que não desminta, em parte ou totalmente, a affirmação de Buckle. Mesmo, porém, no Amazonas, o brasileiro não se deixou esmagar pela natureza e criou uma civilisação que, dia a dia, se aperfeiçôa e augmenta, dando talvez o mais energico dos exemplos, nos tempos modernos, da victoria do homem contra a hostilidade dos elementos. O povoamento da Amazonia, com a sua insalubridade de terra quaternaria, com a sua fauna flagelladora, revela em

cada um dos seus povoadores a energia de um Stanley ou de um Livingstone.

Nada mais perigoso do que a generalisação. Quem a emprega, vê-se, a todo o instante, desmentido pelos factos. Dahi a amarga dureza desta observação de Ripley: «os erros de Buckle cahiram no esquecimento». Todo o Brasil de hoje é um revide ás suas generalisações, principalmente no sul do paiz, de clima temperado e frio, onde, em vez de ser por ella esmagado, o homem domina a natureza.

Não é dado a ninguem sondar os destinos de um povo e medir-lhes a orbita pelas apparencias de momento. A historia, como a meteorologia, depende de phenomenos instantaneos, cuja origem se acha tão envolta no mysterio como as correntes do Polo Sul, a que devemos os nossos pampeiros e tornados.

Perturbações registradas pela mecanica celeste mas desconhecidas em suas causas e imprevisiveis na sua data, determinam as deslocações atmospphericas que abalam immensas regiões distantes. Assim, numa nação, ha movimentos subjectivos que desnorteiam toda e qualquer previsão.

Melhor exemplo não se vê disso que no proprio Buckle.

Pinta-nos ella a Inglaterra de George III com as mais negras côres. Autoritario, enfatuado, incapaz, ferrenhamente obsecado pela tradição a ponto de propugnar pela escravatura, que as leis inglezas legitimavam; rancoroso, obstinado, incapaz de soffrer o contacto das superioridades, quem visse esse soberano mediocre — que reinou sessenta annos, — não poderia prever a Inglaterra victoriana, que viria crear o maior dos imperios da historia. Mas ao lado delle vivia lord Chatham, o primeiro Pitt.

Nessa Inglaterra, empequenecida e minguada pelo mimetismo nacional, que faz as nações do tamanho dos seus governantes, havia um fermento capaz de levedar a substancia de uma grande nacionalidade. Era a politica maritima, criada pelo grande estadista e transmittida ao filho.

Seria natural que o observador conscienciosо dessa Inglaterra a visse com os olhos depreciativos de Buckle. No emtanto, a idéa pittiniana deveria, em breve, desmentir todas as previsões e operar como agente catalytico nas aspirações mal esboçadas de um povo que ainda não encontrára seu caminho.

Com o Brasil descripto por Buckle deu-se a mesma coisa. Elle viu um paiz de seis milhões de habitantes, de immenso territo-

rio, povoado por uma raça em formação, tosco bloco de pedra que o cinzel da civilisação ainda não desbastara. Não o observou pessoalmente. Guiava-se pelos livros que lho pintavam povoado de pretos e indios, desprotegidos e deseducados, regidos por uma infinita minoria de brancos.

As suas previsões seriam talvez razoaveis. Não contava, porém, com o largo poder eugenico do portuguez; com a melhoria do negro que a nossa escravidão, tão differente daquella em que vivia na Africa, humanisava e redimia; com as qualidades de bravura e agilidade que o indio, transmittira aos seus mestiços sertanejos; com o sopro latino.

Não contava principalmente que o brasileiro já era uma realidade, que já se affirmara em soldados, diplomatas e estadistas eguaes aos melhores da sua patria.

Poucos annos depois dos seus vaticinios pessimistas, o Brasil empenhava-se numa guerra de morte com um paiz cuja inferioridade numerica de população era largamente compensada pela superioridade de um exercito cinco vezes maior que o nosso e tão primorosamente adestrado e municiado que constituia o melhor apparelho bellico da America do Sul, capaz, por si só, de enfrentar o de todas as outras re-

publicas unidas. Esses homens que Buckle pintava inertes, sem vontade, esmagados por uma natureza hostil, revelaram, nessa luta de gigantes, qualidades insuperaveis. E' exacto que muitas vezes tinham a apparencia flagellada dos jagunços de Euclides. Mas ao primeiro rebate o fluido electrico da energia os transfigurava em athletas e centauros, capazes dos maiores heroismos.

A nossa attitude no Paraguay devia desorientar Buckle. E' que elle nos vira por fóra. Não tivera o ensejo de nos conhecer por dentro.

Bem mais surprehendido deveria ficar elle em outra conjunctura.

A Inglaterra empenhara-se numa guerra de vida e de morte. Todos os concursos lhe eram preciosos, mórmente os moraes. Houve um momento em que a campanha submarina fazia oscillar a balança da victoria para os seus adversarios.

Nesse momento climaterico, um homem intervém com a sua palavra, já de rara autoridade no mundo, e os canhões das trincheiras emudecem para ouvil-a na ordem do dia dos seus chefes. E' a voz da America que duma tribuna sul-americana desce, num vôo resplandescente, aos campos do Velho Mundo, que a recebem inclinando as bandeiras. Quem era esse maravilhoso conden-

sador de energias moraes que foi «um minuto da consciencia universal»? Um nordico por acaso? — Não. Um filho desse paiz onde, segundo Buckle, tudo podia ser grande, menos o homem...

Foi assim que o Brasil de 1918 respondeu a Buckle.

G O B I N E A U

GARANTE-SE que o Brasil soffre de uma lesão medullar, pelos sangues contaminados que se lhe reuniram nas veias. Vaticina-se a sua incapacidade para a civilisação. Affirma-se que não passa de um gigante tabetico, incapaz de movimentos coordenados.

Por que? — Primeiro, porque descende do portuguez. Segundo, porque se lhe encontra, na estructura racial, uma grande contribuição africana e indigena.

Será verdade? Devemos curvar a cabeça ante a fatalidade original? Penso que não. Não me impressionam, nem os augures scientificos, arautos de megalomanias ethnicas, que a realidade se encarrega, dia a dia, de dissipar duramente, nem a grita descompassada dos odios.

Trata-se de um problema de historia, para cuja solução contribúe um grupo de sciencias affins, de criação recente. E' á luz desses elementos que devemos encarar a questão, antes de offerecer o pescoço á canga dos capitães de matto, que, como o da gravura de Rugendas, nos querem levar

como escravos fugidos para as senzalas da anthropologia.

O Imperialismo renascia na Europa e preparava-se para, em breve, dominal-a com Bismarck.

Um hoje celebre romancista e diplomata francez, susceptivel em extremo ás influencias do meio, Gobineau, foi o primeiro a erigir em dogma a superioridade das raças brancas do norte sobre as morenas do sul. Sedan pareceu vir consagrar as suas theorias. Foi a carga dos couraceiros de Richtofen sobre a tradição latina.

São communs essas apotheoses dos vencedores.

Mommsen saudou a criação do Imperio Germanico com o epinicio de Cesar e a detracção de Cicero. Devido a elle, o grande cidadão que salvou Roma das hordas bolshevistas de Catilina e mereceu o titulo de *Pae da Patria*, o grande jurista, o humanista sem par, que crystalisou toda a cultura da antiguidade no seu mais puro diamante, vive até hoje infernado nas verrinas da critica, á espera de um historiador que o rehabilite da pedantocracia cortezan.

Graças a Mommsen, com a sua lisonja indirecta, a presença invisivel de Julio Cesar presidiu á coroação do Cesar germanico, e, multiplicada pela sala dos espelhos de Ver-

salhes, iria disseminar pelo mundo a noção de que a victoria dá todos os direitos. Dahi a sua glorificação no seculo dezenove.

Póde-se reconhecer o genio militar e literario do conquistador das Gallias e autor dos *Commentarios,* sem erigil-o em padrão humano, sem esquecer as suas fraquezas, que o latim costuma velar.

Si a victoria de 1870 tivesse sido de Mac-Mahon, não sei si assistiriamos phenomeno inverso. Não sei si a indulgencia com o neto de Venus lhe perdoaria o ter sido o «*omnium virorum uxor et omnium mulierum vir*». Napoleão III tambem esquecia os defeitos pessoaes de Julio Cesar para só lhe ver as qualidades politicas e militares. Mas mesmo assim seria mais facil provar que Cicero era o que realmente foi: o grande cidadão do universo, o miraculoso precursor dos mais bellos sentimentos do christianismo, o romano, que, ao contrario de Cesar, não precisou do genio para fazer esquecer a mais innominavel das abdicações viris.

Isto prova que as sentenças proferidas em épocas de apotheoses politicas reclamam, muitas vezes, revisões que nem sempre são immediatas.

Gobineau, embora francez, era teutonico pelo coração. A Allemanha retribuiu-lhe

com usura esse sentimento. Centenas de associações gobinistas ali estudam, como a de um patriarcha racial, a obra desse neto de Ottar Jarl, desse descendente dos Vikings, os audazes piratas septentrionaes que escumavam os oceanos hyperboreos.

Para Gobineau só as raças integralmente brancas têm valor e direito ao sol. Para Gobineau, o aryanismo é o Moloch ao qual se devem sacrificar as raças mescladas.

Esteve elle no Brasil em 1868, como ministro de Napoleão III. Era o Rio, realmente, como elle o pinta, uma cidade atrazada, onde esfervilhava uma grande população de cor. Dos brasileiros, só conviveu estreitamente com um: D. Pedro II. Estabeleceu-se, entre ambos, um estreito commercio de sympathia e amisade, que predilecções communs pelas letras contribuiam para consolidar. Mas nem por isso o diplomata francez abriu mão dos preconceitos com que nos olhava: a sua correspondencia particular revela que para elle não passavamos de um paiz de negros.

Um incidente de ordem pessoal deve ter contribuido para a antipathia com que nos observa. Exilado num paiz tropical, sem as facilidades amorosas tão communs noutros onde já fôra e onde inda devia ser acreditado, o elegante diplomata, cuja finura

physionomica e cuja barbica lembram o Aramis de Alexandre Dumas, teve, num theatro carioca, um incidente lamentavel. Segundo tradições da epoca numa noite de espectaculo, pensou que encontrara, numa senhora brasileira, a duqueza de Chevreuse que lhe faltava e foi-lhe á fala, sem tirtes nem guartes. Pessoa da familia, e das mais cotadas, o Visconde de Saboia, sem ligar importancia á sua ascendencia Viking e aos seus vinte e quatro quarteis de nobreza escandinava, espalmou-lhe a mão no rosto. O Aramis normando-viking subiu á serra. Só mesmo num paiz de barbaros um selvagem moreno teria o topete de perder o respeito a um neto de Odin, que era, além do mais, amigo intimo do Imperador. «*Pays de sauvages!*» resmungava elle, no atrio do theatro, passando o lenço no frontespicio avariado.

Desde ahi que elle nos pôz no index. As suas theorias raciaes esbrazeadas pelo calor da face castigada, vulcanisaram-se-lhe num odio implacavel. E eis ahi por que o sr. Gobineau não via, no Brasil, senão um paiz de negros, inspirando a Lapouge a ridicula prophecia de que estes, em breve, dominariam os brancos e de que o Brasil, africanisado, dentro de algum tempo não passaria de um Congo sul-americano.

DESIGUALDADE DAS RAÇAS HUMANAS

OS preconceitos de Gobineau vinham de longe. A aggressão apenas lhes augmentou a virulencia. Póde-se rastrear o seu pensamento no seu celebre livro «*A desegualdade das raças humanas.*»

Algumas idéas matrizes bastam para definil-o: a incontestavel supremacia das tribus brancas, de que descendia e que possuiam o monopolio da belleza, da intelligencia e da força, e a idéa de que toda a civilisação decorre dos brancos. Não é possivel analysar, por miudo, toda essa obra, sem fazer uma do seu tamanho, coisa que realmente equivaleria a gastar cera com ruim defunto.

Mas, ao correr da penna, póde-se salientar a inanidade de algumas das suas affirmações. Acha elle que o negro é a raça essencialmente cruel. Isto equivale a eliminar, de um traço de penna, a historia dos assyrios, dos tartaros e dos mongóes.

Leva a sua leviandade ao ponto de dizer que a honra é desconhecida ao amarello. Esquece a civilisação chineza, onde a moral de Confucius criou um typo moral de rara perfeição. Esquece que os merca-

dores de Shangai não davam recibos e que, no entanto, durante seculos, foram considerados os prototypos da fidelidade e da seriedade, principios que só abandonaram ao contacto da civilisação occidental, que os obrigou, levados pela legitima defesa, a combatel-a com as armas de que ella fôra a primeira a servir-se.

Esquece ou ignora a historia do Japão, onde o culto da honra vae até o sacrificio da vida. Nunca ouviu falar nos quarenta e sete guerreiros que se suicidaram. Ignora a palavra *bushido* e o seu profundo conceito moral. Não poderia prever que, em pleno seculo vinte, a humanidade assistiria, attonita, a esse espectaculo capaz de desorientar todas as suas idéas de materialismo; o mais glorioso dos generaes, velho e coroado de loiros e riquezas, idolo do seu povo, abrindo o ventre, no sacrificio do *hara-kiri,* em que a esposa o acompanhava, para não sobreviverem ambos á corporificação humana da sua raça e morrerem com o seu Imperador, que os precedera no tumulo.

Nos Eddas escandinavos, nos rudes poemas barbaricos cuja crueldade arrepia como um sopro glacial dos polos, não encontraria, decerto, o descendente de Ottar Jarl espectaculo semelhante.

Ali, os deuses e os heróes bebem o sangue dos inimigos em craneos humanos. O aperfeiçoamento moral não reside no sacrificio da propria, mas da vida alheia. E o conceito da victoria, o premio do heroismo consiste nas orgias vinolentas, entre os braços brancos das Valkyrias.

Dou de barato que Gobineau não estivesse ao par da alma japoneza, que os occidentaes só começaram a penetrar ha sessenta ou setenta annos, e de que, em seu tempo, as melhores noções estavam occultas nas chronicas portuguezas. Mas não se comprehende que desconhecesse a civilisação mongolica, que criou, na India, um typo de arte materialisado em monumentos perto dos quaes desapparecem, amesquinhadas pela pequenez e pela pobreza, as mais extraordinarias criações architectonicas do genio occidental. No entanto, diz e affirma, com a maior das canduras, que toda a civilisação decorre da raça branca, como si a arte não fosse o maior indice da civilisação.

Não se contenta Gobineau em ignorar: contradiz-se a cada passo. Prega a supremacia dos brancos e a inferioridade dos mestiços. No entanto, logo depois, diz, textualmente, que o genio artistico só appare-

ceu depois da alliança dos brancos com os negros:

> «*C'est ainsi que le génie artistique, également étranger aux trois grands types, n'a surgi qu'à la suite de l'hymen des blancs avec les nègres.*»

Ahi, nesse passo, força é reconhecer que attingiu a verdade. Mas a seu máo grado, involuntariamente, de um modo paradoxal, que inquina de erronia tudo quanto disse anteriormente e que é a negação da propria idéa central que sustenta: a supremacia branca.

O pensamento de Gobineau não tem a objectividade e o rigor scientifico que se requerem nos investigadores de raça. O pulso do seu pensamento lateja sempre nos 40 gráos da febre literaria. Dir-se-ia que escreve sempre na pyrexia de um accesso. Tem a coragem de escrever, candidamente, mostruosidades deste jaez:

> «*Os heróes da Illiada e os guerreiros scandinavos eram agentes de civilisação e de grandeza mais activos, mais intelligentes e mais seguros que as populações mestiças, cem vezes mestiças, da época actual.*»

Qual foi a civilisação criada pelos guerreiros scandinavos, pobres piratas e pescadores sem outra finalidade na vida que a de resistir aos frios polares, sem outro ideal sinão o de beber o hydromel nos serralhos posthumos do Walhalla? Onde encontrou, nos guerreiros da Illiada a intelligencia e a actividade dos «agentes de grandeza», dos fundadores de nacionalidades? O pensamento, nesse passo, mostra a cauda simiesca da imitação. Trata-se de uma Illion vista pelos olhos de Vergilio. Gobineau chama os gregos de Homero de civilisadores, porque toma ao pé da letra a Eneida. Toma o symbolo como realidade. Acceita como estricta verdade a hypothese lendaria, graças á qual o genio mantuano quiz enastrar com as rosas do heroismo hellenico o berço da Italia nascente.

O methodo conjectural e generalisador do pseudo sociologo francez, que não sobreviverá na historia sinão como um maravilhoso novellista rival de Merimée, perdeu uma bella occasião de fazer um achado impressionista no terreno da glottologia. Na Asia central havia os Guhyakas, gnomos guardiões do ouro das cavernas, que deram origem á mesma lenda na Scandinavia. Gobineau mencionou este facto, numa nota do seu livro. Si soubesse que, nos paizes pla-

tinos e no Rio Grande do Sul, a palavra *guayaca* significa a bolsa de couro, em fórma de cinto, onde se guardavam as moedas de ouro, tiraria, decerto, a illação de que os piratas scandinavos tinham chegado ao Rio da Prata... A conclusão seria logica dentro dos seus processos, e não deixaria de boquiabrir os basbaques de anthropologia.

B R Y C E

OUTRA das grandes prophecias pessimistas sobre o nosso destino, devemol-a a James Bryce. São delle estas interrogações pessimistas sobre o Brasil:

> «Que será do seu futuro? E' o seu povo digno da opulenta herança que recebeu? Com o correr dos tempos, é indubitavel que as terras e os instrumentos irão para aquelles que os possam utilisar.»

Dois motivos devem ter contribuido no espirito do pensador inglez para esse conceito. Quando visitou o Brasil, poucos mezes antes, a politica nacional arrancara das mãos de Ruy Barbosa, por um *caucus* legislativo que lhe escamoteara a victoria das urnas, a presidencia da Republica. A nação, abdicatária, cruzara os braços. O civilismo, que lavara, com as suas ondas de tempestade civica, todo o territorio nacional, não conseguira cobrir com as suas espumas o promontorio de granito de onde os interes-

ses conspirados esperavam, tranquillos, o refluxo da maré nacional.

Bryce acompanhara, como toda a Europa, o grande movimento, que foi o *sursum corda* dos nossos destinos e de cujas invisiveis conquistas até agora se está alimentando a vida nacional. Pensou perdido um paiz onde um movimento desses não vingara.

Um incidente fortuito ainda mais devia tel-o confirmado nessa idéa. Quando passou pelo Rio, a esquadra nacional cahira nas mãos do almirante negro que encabeçou o levante naval de 1911. O governo da espada curvou-se-lhe á audacia. Capitulou. Concedeu uma amnistia, para cuja votação, em nome da cidade ameaçada de bombardeio, mandou supplicar ao homem que espoliara na véspera o incomparavel prestigio do seu voto.

Foi esse o Brasil que Bryce viu: o Brasil da resignação, o Brasil do fatalismo, o Brasil da dissolução militar. Não era de estranhar que levasse daqui a má impressão que levou.

Esquecia, porém, que, méros accidentes na vida dos povos, certos phenomenos de illegalidade e desordem não bastam para deprimil-os. Não teve a Inglaterra tambem os seus caudilhos politicos? Que outra coisa

foi Warwick, o *Kings'Maker,* o fabricante de reis? Que outra coisa foi Roberto Cecil, quando, abrindo as janellas do palacio onde jazia, ainda quente, o cadaver da grande Isabel, annunciava ao povo, com a fórmula sacramental — *O rei morreu: viva o rei!* que a *Virgin Queen* legara o throno a Jacques I da Escossia?

Sublevação navaes e amnistias impostas... Não ha duvida que são censuraveis, mas mesmo as maiores nações não as tem podido evitar. Não as houve tambem na Inglaterra, e mais de uma vez? Em tempos relativamente recentes, não foi com uma amnistia prévia que o governo britannico conseguiu recuperar o dominio de varios navios da sua esquadra ancorados no Tamisa?

Tirar conclusões definitivas de factos isolados é fazer sociologia impressionista. Não ha nada que escape a esse criterio. Até ha bem pouco tempo, a Inglaterra era accusada de praticar a escravidão em seus dominios africanos mais distantes da inspecção européa. Dou que a não praticasse e simplesmente fechasse os olhos para tolerar o trafico com os mercados mussulmanos. Dahi se segue que se deva descrer da livre Inglaterra?

Não basta encarar as coisas por um lado só, para conhecel-as. Do flanco de certas

montanhas despenham-se fios d'agua que, pela erosão das margens, vão encher de lama os sangradouros onde desembocam. No outro flanco, porém, muitas vezes pompeia, immaculada, a pureza das neves eternas. E' preciso rodear a montanha para conhecel-a.

Bryce não se dá a esse trabalho. Não só no Brasil, mas tambem nos Estados Unidos, só contemplou o lado onde descem as aguas turvas.

Um dos capitulos principaes do seu livro sobre os Estados Unidos occupa-se de Tammany Ring, a camorra politica de New York, que, em trinta e dois mezes, subtrahiu oitenta e um milhões de dollares, isto é, seiscentos e quarenta e oito mil contos, ao cambio do dia, aos cofres do formidavel municipio. Mostra, uma por uma, as chagas da grande cidade, de cujo poder executivo se apossou a audacia de facinoras dignos da quadrilha de Ali-Babá. A julgar por esse criterio, seriam os Estados Unidos uma nação irremissivelmente perdida.

Calumniou Bryce os Estados Unidos? Não. Ninguem nega a existencia de Tammany Hall, de Fernand Wood e de William Tweed, indices da maior organisação corruptora que se conhece na historia.

Mas, par a par desses casos de gangrena politica, sempre houve um grande movimento no sentido de extirpal-os. O caracteristico dos Estados Unidos é que a cada abuso que surge, por mais poderoso que seja, corresponde sempre uma reacção. Consequencia do seu immenso progresso, nenhum paiz levou mais longe o conceito utilitario da vida. Póde-se, affirmar porem que nenhum outro tem uma corrente de idealismo maior, que nenhum outro tem uma fé mais viva nas forças moraes.

Esse é, talvez, o fundo da raça, a dominante que terá de prevalecer no futuro. Mas não ha duvida de que esse caracteristico interno, perceptivel aos que estudam minuciosamente os norte-americanos, é invisivel aos que, guiados por velhos preconceitos e fechando os olhos á sua immensa evolução scientifica e intellectual, se obstinam em ver nelles uma musculatura de gigante e uma mentalidade de pygmeu.

Não basta ser um bom escriptor e um bom observador do momento, para analysar povos e instituições. E' preciso ter a sensibilidade electro-magnetica, que registe as vibrações das actividades invisiveis. São estas as que elaboram os destinos dos povos. E' preciso ter as antennas do futuro. O Brasil, em tempos bem proximos, ha de provar a James Bryce que elle não as tem.

O DE QUE PRECISAMOS

TEMOS a riqueza, a resistencia, a força, a eugenia atavica, isto é, a adaptação tropical, a immunisação contra os males do meio physico, todas as potencialidades para attingir uma grande civilisação. Não nos deixamos illudir sobre o conceito desta, que sabemos ser, em ultima analyse, de ordem economica, substractum material indispensavel para a construcção moral.

Tudo o que aos outros falta, a nós nos sobra. Si o nosso solo montanhoso não offerece as facilidades de exploração de outros territorios mais bem fadados, e si o factor da distancia tira ao trabalho o seu incentivo maximo, pela difficuldade da exportação dos seus productos e da sua transformação na utilidade visivel do dinheiro, as novas instituições têm buscado vencer a hostilidade orographica, encurtar as distancias e permittir a producção.

O nosso trabalho preparatorio, de que se encarregou a monarchia, foi manter a in-

tegridade territorial. A republica, em meio a todas as suas vicissitudes, tem procurado e procura resolver os nossos problemas dynamicos segundo a escala da sua imprescriptivel imperiosidade. Temos tudo duma grande nação, menos a alma. Falta-nos a coordenação moral, o sensorio collectivo, o ideal commum. Perdidos nos rincões mais remotos do nosso territorio, um sem numero de patricios nossos nunca recebeu, para a fome de orgulho racial, que vive no cerne de todas as criaturas, o pão da Patria magnificada no pensamento dos seus historiadores. Repontam por toda a parte da nossa superficie, como cabeços de ilhas sobre a vastidão do oceano, nucleos de cultura onde se sabe o que foi, o que é, o que póde vir a ser o gigante sul-americano. Mas entre esses archipelagos de cultura, existem, nadando nas aguas dormentes e profundas, os esqualos da ignorancia e do derrotismo. O Brasil precisa fazer a propaganda do Brasil ante os proprios brasileiros. Urge mostrar-lhes o que somos, antes que o estrangeiro lhes metta pelos olhos a dentro a imagem do que quer que sejamos. Urge não cruzarmos os braços ante a detracção peregrina, phenomeno suggestivo que opera sobre intelligencias pri-

UNIVERSITY OF
ILLINOIS LIBRARY
AT URBANA-CHAMPAIGN

marias com a mesma ascendencia das palavras do mestre sobre o espirito ductil e informe do discipulo. Quanto aos máus brasileiros precisamos atirar-lhes argumentos que lhes estoirem as entranhas como a abobora fervendo as dos tubarões.

SI ELLES RESUSCITASSEM

SI Buckle e Gobineau resuscitassem em 1928, para buscar no Brasil a confirmação das suas prophecias pessimistas, teriam de estarrecer de espanto. O primeiro achava a nossa natureza incompativel com a civilisação. O segundo assegurava que nunca attingiriamos o coefficiente moral e intellectual da Europa, e que viriamos a ser uma Africa sul-americana, da qual teriam desapparecido todos os brancos. Contrapostos a estes vaticinios sinistros, erguia-se implicita a visão de uma Europa cada vez mais adeantada no caminho da moral e da civilisação.

O tempo encarregou-se de desmentir duramente os augurios desses romancistas anthropologicos, a cujas palavras a nossa ingenuidade e o nosso respeito supersticioso pela sciencia estrangeira davam a resonancia dos pulmões do Talthybios grego, «semelhante aos deuses pela voz».

O mesmo orgulho racial que dictava esses auto-elogios ethnicos, desconhecedores do principio da fraternidade, que, antes de ser politica, é christan e, antes de ser christan,

é humana, levou a soberba e o orgulho das nações européas a se entre-devorarem nos campos de batalha.

A civilisação que sorri desdenhosamente do carro de Jaggrenat dos hindús não fez mais que copial-o em ponto grande, esmagando sob as suas rodas ensanguentadas a mocidade européa.

A grande guerra sacrificou justamente os elementos mais eugenicos da humanidade: os fortes, os moços, os resistentes, os que iam arrostar a vida infernal das trincheiras. Ficaram atrás, nos respectivos paizes, quasi que apenas os velhos, os fracos, os emboscados, os incapazes de supportar as agruras da vida militar. Foram os que se salvaram. Daquelles outros os que, numa proporção minima, escaparam, ao regressar ao lar eram organismos depauperados.

Ficou a Europa, na maioria, entregue aos elementos inferiores. Os grandes specimens humanos, aquelles em quem se haviam apurado os ideaes da raça, os padrões de aperfeiçoamento, os que traziam na mente a faisca espiritual que iria illuminar os costumes, o pensamento e a vida interior de uma luz mais pura, cahiram ceifados, como a messe dos campos sob a foice do lavrador. Da falta que fazem á humanidade temos a prova no regresso moral e

intellectual que a sua perda determinou no Velho Mundo e que, entre muitos outros espiritos de egual franqueza, Leon Daudet assignala em periodos candentes. A Europa de hoje é um triste espectaculo de decadencia. A intelligencia, a abnegação, o bom gosto, o senso artistico desappareceram. As raras excepções não bastam para desmentir a regra geral. Nada o prova melhor do que certas escolas esdruxulas que ali appareceram. Para moldar-se ao primario das intelligencias sobreviventes, o pensamento teve que se tornar primario como ellas. Para prender attenções, incapazes de se volver sinão para o prazer e para o conforto, teve de celebrar as conquistas utilitarias. Criou escolas de poesia, de prosa, de musica e de pintura apenas dignas do nivel das mais baixas tribus melanesicas. Prescreveu o ideal, baniu o pensamento e, dos instinctos, só enthronisou os mais baixos.

A Europa de hoje é uma *selva selvaggia*. Quem o diz não sou eu; são os seus proprios escriptores. Nos juglares da India, na selva hindú, que Rudyard Kipling descreveu no *Jungle's Book*, ha, entre as féras que elle descreve, mais humanidade e delicadeza do que na Europa de hoje. A brutalidade, ali, se tornou a regra geral. Como as boas maneiras vêm do coração, ali não

ha logar para as boas maneiras. Um egoismo formidavel arrazou até as apparencias de cortezia. Os viajantes estrangeiros são olhados como inimigos. Em certos paizes a hostilidade chega a ser aggressiva e insultuosa, como si o peregrino fosse culpado das consequencias da guerra. Talleyrand costumava dizer que quem não conheceu a Europa antes de 1789 não sabia o que era a doçura de viver. Que não diria elle hoje!

Todas as guerras trazem, depois de si, um certo afrouxamento de principios. A ansia de viver, naquelles que a morte rondava pouco antes, aguça-lhes a cobiça dos prazeres. E' humano. Phenomeno constante depois de todas as guerras, não surprehende a ninguem esse estado de espirito. Mas nas antigas, menos cruentas, o numero de homens superiores que sobrevivia era muito maior. A visão do ephemero da vida correspondia á ansia de aproveitar-lhe melhor os minutos. Essa desforra das privações de campanha seria, ás vezes, capaz de abdicações momentaneas, mas nunca de obliterar o senso da elegancia moral, recebido da tradição.

Agora, não. Romperam-se todos os liames moraes. Morreram o gentilhomismo, a galanteria, a flor dos sentimentos cortezes

que embalsamava a vida. Dir-se-ia que uma irrupção de anthropoides, de fronte baixa, estendeu sobre a terra o nivel da rudeza primitiva.

Sumiu-se o conceito de dama e cavalheiro, substituido pelo de macho e femea. Os espiritos lupercalisados contentam-se com a finalidade do cío. O véo irisado da poesia não mais dissimula o instincto. Nos lugares onde ainda o vicio se esconde sob as galas da elegancia tudo é um, entre senhoras e phrynéas, que trocam amabilidades e sorrisos. Ah! si Buckle, e Gobineau resuscitassem!

O CULTO DA MULHER

O homem, em plena involução, regrediu á mentalidade das cavernas. Despiu a mulher do seu manto estrellado.

Durante seculos, a cultura occidental não teve outro escopo sinão a divinisação feminina. Quanto caminho percorrido, desde os dias de sol frio, em que a companheira do primeiro homem fitava, com os olhos vasios de pensamento, as brazas da fogueira troglodyta! Passo a passo, numa ascenção lenta mas continua, sahindo da inconsciencia pelo soffrimento e recebendo a alvorada da idéa nas visitas da maternidade e da viuvez, entrou a mulher a descobrir o mundo moral. Por essa ascenção póde-se medir a curva da civilisação. As nações que faziam da mulher a escrava estacionaram ou regrediram. Só as que acceitaram a sua soberania progrediram. Ella está na raiz de todas as religiões como a parte divina do homem.

Desde ahi, nos olhos femininos estremeceu o arrebol de todas as auroras. Mas quanto caminho percorrido antes que as

pupillas da Magdalena reflectissem toda a peregrinação da divindade exul!

A glorificação da argilla feminina, transfigurada por um raio de luz, que era o ponto de incidencia do céo sobre a terra, radiescia no paros da Pallas Athenéa. Seus olhos de pervinca acompanharam o marulho das ondas mediterraneas, que levavam ás praias occidentaes a sua imagem de archétypo. A lenda, a poesia, e a arte desde ahi deram á mulher uma vida parallela á vida nos livros, nos museus, nas galerias, em todo o immenso dominio da arte. Mas isso ainda não bastava. E ella subia ainda, para ir, coroada de rosas ou lilazes, resplandecer nas cathedraes e tomar o primeiro logar na hierarchia do culto divino. Os receptores invisiveis, que existem em cada criatura pensante, vibravam, muitas vezes, sem o saber, a todo esse conjuncto de forças psychicas, cujos geradores e transformadores eram o culto da mulher.

O pensamento occidental adquirira o *tonus* dos seus poetas e dos seus musicos. As fibras de cada coração estremeciam á divinisação feminina. Quem os pudesse auscultar, sentiria que o orgam nobre da vida tinha transformado o rythmo que perpetúa a especie numa symphonia transfiguradora da materia, como Beethoven as sete

notas da musica nas suas maravilhas orchestraes. Fonte do genio e do heroismo, do sacrificio e da belleza moral, o *freudismo* inconsciente de uma geração alimentada da medulla dos genios, fez da mulher a finalidade dos seus sonhos. Não havia mãos femininas nessa seara de Booz que não pudessem apanhar como as de Ruth algumas sobras da messe dourada.

A sua legataria, porém, a geração que recebeu das suas mãos o facho lucreciano desse culto, não era digno de possuil-o e deixou-o rolar, apagado, na lama dos vicios rasteiros. Não acreditava na eternidade. Bastava-lhe o minuto. O espirito dominante na Europa de hoje tirou a mulher dos altares e só lhe reconhece o lugar de ancilla do prazer.

Ninguem dá sinão o que tem. O clarão de paraizo que o Florentino encontrava na visão da Inspiradora estava na sua propria mente. O homem cria a mulher ao molde do seu ideal. A geração do após-guerra não podia dar-lhe sinão o seu conceito tacanho e desnobre da vida. Fêl-a á sua imagem e semelhança. Plasmou-a da costella mais rija e mais brutal do seu thorax de primata. Transformou-a de instrumento de perfeição moral em méro instrumento de gozo. Era princeza. Fêl-a cortezan.

Cançada de esperar, em vão, elementos mais nobres para a vida de todos os dias e desilludida de encontral-os, teve a mulher de resignar-se ao seu duro rebaixamento.

Conformou-se com elle. Tomando ao pé da letra o cynismo masculino, adquiriu-lhe os vicios, a licença, o desregramento, a anarchia sexual. Triste liberdade que, ao fim da jornada humana, nesses minutos finaes em que se recapitula todo o passado deixa, na bocca dos que a possuiram, elles ou ellas, a triste sensação dos fructos cheios de cinza.

Bem sei que a emancipação feminina, graças á qual a mulher mostrou ao homem que pode levar-lhe vantagens em todas as actividades ao seu alcance, vem de alguma forma libertal-a do seu embrutecido rival e companheiro. Bem sei que na Europa ha reservas de energia e de belleza moral, em regiões onde raro logram penetrar os olhos do estrangeiro, para quem se abrem apenas os *dancings,* os *cabarets,* os *music-halls,* os balnearios, os restaurantes, os theatros, as estações thermaes e os outros encantos das cidades do prazer. Mesmo, porém, essa Europa, que sempre existiu, para drenar o dinheiro forasteiro, acompanha o diagramma das idéas dominantes. Os seus habitos reflectem a maior e a menor cor-

rupção do ambiente. Essa, não é o estrangeiro que a leva para lá. Ao contrario, não faz sinão trazel-a para o seu paiz de origem.

Por esse lado, póde-se garantir que a Europa está infectando a civilisação dos sul-americanos, a quem ensina a confraternisação do vicio por intermedio das religiões da moda e do luxo, e a quem tira o pudor como os molinilhos dos seus restaurantes o gaz do champagne.

Não falo por prazer nestas tristes coisas. Falo para avisar, prevenir e remediar. O Brasil precisa defender-se do contagio europeu. Precisa estabelecer, na sua sociedade, um cordão sanitario que o isole dos máos elementos que lhe trazem a peste moral. E' a melhor das respostas ao seu desprezo.

Enganavam-se os srs. Buckle, Gobineau e Lapouge quando affirmavam a nossa inferioridade de intelligencia e de caracter. Dobradamente se illudiam em prophetisar a nossa decadencia esmagada pelo contraste do esplendor europeu. Hoje está se dando o contrario. A Europa é que está em muitos sentidos decadente. Nós progredimos. Nós é que temos aperfeiçoamento moral. Nós é que podemos dizer-lhe, face a face, o que ella é, e o que precisamos não ser. Foi-se o tempo em que a Europa

era o padrão da cultura, das maneiras e dos sentimentos. Hoje, essa hegemonia desappareceu. Hoje, ella é, pelo menos no seu aspecto mais visivel e activo, a grande corruptora, a grande cortezan dos continentes.

Pensar que eu poderia escrever essas palavras sem tremer-me a mão pela injustiça, si não me estivesse presente ao espirito, como ao de todas as pessoas sensatas, que só falo de uma certa Europa, seria um disparate indigno de um espirito criterioso. Sei o que é, e o que vale a Europa, em certos nucleos incontaminados da sua vida. Mas, justamente por sabel-o é que me sinto autorisado a chamar a attenção dos meus patricios para a outra, para a que os seus filhos mais facilmente conhecem e a que devem fugir o quanto possivel. Em vez de levar-lhe os milhões da economia americana, que alimenta o despreso e as calumnias dos seus escribas, devemos gastal-os em nosso paiz ou em nosso continente, retirar-lhe as nossas economias e feril-a na bolsa, unico logar onde se lhe refugiou a sensibilidade.

A PROPHECIA DE WILLIAM T. STEAD

JÁ se começa a cumprir, mais cedo do que se esperava, a prophecia de William T. Stead, da americanisação do mundo. A America já arrancou da Europa o sceptro do ouro e da força. Caminha a passos de gigante para tirar-lhe os outros. Na biologia, na chimica, na electricidade, na cirurgia, já os Estados Unidos estão á frente do mundo. Como se servirá dessa superioridade o Novo Continente? Para os mesmos fins estereis que a Europa, quando os enfeixou nas mãos? O perigo é que não se liberte desse exemplo. O dever dos pensadores americanos é prevenil-a contra elle. A fallencia da Europa veiu provar a fallencia da força material. Acima desta ha de haver um ideal, a que a Europa nunca se curvou e a que é preciso que a America se curve, si não quizer ter o mesmo destino. Por mais complexo que pareça o problema americano, por mais difficil que seja pôr em pratica ou realisação os principios de que elle depende, vê-se que estes não pódem girar fóra dos dois pólos do idealismo humanitario, que congrega os homens sobre a terra e

da religião, que concilia os homens sob os céos.

Não pretendo fazer profissão de fé no jingoismo. Reconheço o immenso que devemos ao Velho Mundo. Penso que jamais poderemos desconhecer o immenso que lhe devemos. Recuso-lhe todavia o direito de desprezar-nos. E quando o faz arrogo-me o direito de cidadão americano de pagar-lhe na mesma moeda, nos assumptos em que a consciencia me dissér que estou com a razão.

Mas voltemos a soprar nas bolhas de sabão dos anthropologos e ethnologos estrangeiros.

CRANIOMETRIA

ENTRE as sciencias subsidiarias da historia, conta-se como uma das de mais voga, a anthropologia. Um sem numero de difficuldades, porém, oppõe-se a que as suas conclusões tenham um rigoroso caracter scientifico. Tudo, nella, ainda são conjecturas.

Um dos seus departamentos que mais enthusiasmo despertaram foi a craniometria. Deu-se-lhe tal valor que Retzius, da simples comparação de dois cranios, tirou toda uma classificação dos primitivos typos europeus. Seria enfadonho referir a sua evolução até hoje. Basta accentuar que a mais acceita das suas theorias é a que divide os homens, segundo a fórma da calota craniana, em dolicocephalos e brachiocephalos, isto é, cranios compridos e estreitos, os primeiros, e curtos e redondos, os segundos.

Os partidarios da superioridade nordica e germanica declaram que a civilisação pertence aos dolicocephalos. Os Gobineau e os Lapouge fizeram um cavallo de batalha desse principio, para

elles irrefutavel. Mas as observações mais recentes sobre o assumpto vêm mostrar que esse caracteristico é mais commum ainda nos negros do que nos brancos... Regiões inteiras da Africa, justamente aquellas que mais provavelmente invadiram a Europa em épocas immemoriaes, são todas dolicocephalas. Fallencia maior não póde haver de uma theoria do que essa: o indice pseudo superior dominando justamente n'aquelles cuja inferioridade se tenta provar. Dahi a procedencia da observação de Virchow, que lhe dá um caracter todo relativo, como caracteristico racial.

Que a amplidão cephalica não esteja em relação com o desenvolvimento intellectual do individuo não são precisos muitos esforços para proval-o. Ainda recentemente, o cranio de Anatole France veiu trazer um retumbante desmentido ás mensurações cranianas, segundo as quaes Broca formára a sua dynamometria intellectual. Pesado o seu cerebro não alcançou 1.200 grammas, peso abaixo da média do de um kabila ou de um congolez. Prova provada de que, nessas questões, o que regula não é o continente e sim o conteúdo, a finura da gran cinzenta, que é a substancia das circunvoluções, e talvez a complexidade capillar dos

seus meandros, assignalada na autopsia do auctor de *Thäis* como o segredo do seu genio subtil.

A physiologia e a biologia, cujo contingente seria inutil encarecer e que, desde Cuvier e Bichat a Mendel e Morgan, têm procurado attingir com tanta pertinacia o mysterio dos phenomenos vitaes, esbarram sempre num muro intransponivel que, dir-se-ia, é a ultima trincheira do mysterio da vida.

Não ha menoscabar os seus trabalhos e os seus esforços, nem diminuir-lhes o valor porque ainda sejam falhas e deficientes as leis scientificas que a experiencia e as pesquizas de laboratorio lhes permittem deduzir. Devemos porém, estar ao par do seu formidavel labor e saber que as suas conclusões não attingem sinão os phenomenos da vida que dizem respeito aos accidentes secundarios, que taes são os caracteres externos, não chegando nenhum delles a descobrir nem o como, nem o porque da hereditariedade psychica e moral. Embalde busca estudar a physiologia, no cerne do tecido vivo, o soma e o germen, isto é, os nucleos da propria vida. Não vae além. Saberá, como Mendel, quando e como um de dois elementos prevalecerá no cruzamento de especies botanicas. Ainda não póde prever, no

cruzamento humano, até que gráo o soma e o germen de um elemento se conservam através das immensas vicissitudes dos cruzamentos raciaes, e até que ponto são identificaveis os phenomenos espirituaes que determinam.

Tudo ainda são conjecturas nesse terreno movediço. Brada a genetica que os caracteres accidentaes não se transmittem. Vem o japonez e mette um filhote de peixe num canudo de bambú pintado de preto. O peixe toma a côr do recipiente em que cresceu, e transmitte aos filhos esse caracter accidental. Cresce outro peixe num aquario onde uma luz restricta o obriga a um esforço continuo nos musculos oculares. Adquirem-lhe os olhos a exophtalmia a que os especialistas chamam telescopica. Procreia, ao depois, em condições opticas normaes e nascem-lhe os filhos com a mesma exophtalmia.

Recomeça para os observadores o trabalho de Sysipho. Os caracteres accidentaes pódem transmittir-se.

Nos cruzamentos humanos, bem poucas são as conquistas feitas pela observação scientifica. Quando muito, nessa traducção incompleta das potencialidades em presença, sabe-se que certas raças predominam sobre outras, quando se cruzam. Entre o

japonez e o nordico predomina sempre o japonez. Entre o branco e o preto predomina sempre aquelle. Isto, porém, quanto á sua questão morphologica. Quanto á psychica, ainda tudo são apalpadellas. Dahi as conclusões da hereditariedade racial serem desmentidas pelas da hereditariedade especifica. Dahi a possibilidade de um José do Patrocinio e de um Booker Washington.

Um preconceito tenaz, nascido de analogias literarias, admitte, no producto de cruzamentos, uma dualidade alternativamente dominante no mesmo individuo. Dahi pintar-se o mulato como um navio com duas bussolas, uma das quaes aponta para o norte e a outra para o sul. E' uma ingenua analogia com a obsessão, o incubato, a possessão, pelas quaes duas almas coexistem no mesmo individuo, uma dominando a outra.

Sem querer negar a coexistencia de forças hereditarias diversas no mesmo individuo, é preciso comtudo, ter em vista que nada legitima ainda acceitar, como facto incontroverso, essa dualidade espiritual. A falta de logica nos nossos proprios actos basta para explicar a sua apparente diversidade.

A hereditariedade não é fixidez; é evolução.

Os phenomenos humanos não se encadeiam com a rigidez das observações mathematicas. A somma das quantidades arithmeticas e algebricas não póde offerecer variantes nos seus resultados, mas a totalisação das parcellas humanas, mas a addição das componentes psychicas de cada individuo não póde ter o rigor scientifico e integral dos processos mathematicos. Falta-lhe sempre a medida do elemento imponderavel, que crystalisou os factores materiaes numa entidade pensante. Para se ter idéa das difficuldades desse assumpto, recorramos á analogia de uma nova sciencia: a thermo-physica. Esta consegue medir instantaneamente o gráo de uma fusão e por elle a consistencia do metal que vae sahir da forja. Applicado á especie humana, esse gráo de fusão depende de um milhão de causas materiaes em que o meio, o momento, a euphoria, o estado psychico dos dois componentes humanos entram com uma energia que depois se desata em phenomenos espirituaes impossiveis de prever. A côr então pode não exprimir senão condições abolidas. Dahi a fallencia dos systematistas, que desconhecem que o progresso do espirito eliminou ou modificou o factor racial.

MADISON GRANT

UM dos escriptores modernos que mais se occuparam com o problema negro foi Madison Grant. A sua obra causou grande sensação nos Estados Unidos. Não vem a pello encarar as soluções que propõe para o problema negro. De todo o seu livro reçuma um rancor atavico e sombrio á raça secularmente opprimida. Tem ainda o escriptor *yankee* o preconceito gobineano da supremacia nordica. Como Gobineau, lança mão de futeis argumentos linguisticos. Gobineau descobriu a etymologia do vocabulo *Asia* em *arya*, buscando, com isso, provar que *Asia* significa o paiz dos aryanos, quando é indubitavel que significa a região do poente. Madison Grant, para provas que os espanhóes encaravam os nordicos como uma raça superior descobre que *hidalgo* significa filho de *godo*. Desconhece a communissima expressão *hijo d'algo*, cuja contracção deu o nome que significa *filho de alguem, filho de pessoa conhecida, filho de gente de prol*.

O scientista norte-americano ainda está vagindo nas faixas da infancia gobineana.

No entanto, esquecendo o seu postulado basico, confessa que a Inglaterra deve, em grande parte, a sua aptidão a governar com justiça e competencia ás raças mescladas e, portanto, inferiores, que contém. Poderia ter citado o exemplo de Disraeli, que creou o Imperio Britannico e era um brachicephalo mediterraneo, neto de italianos e portugueses judaisantes.

Ao tomar da obra de Madison Grant esperei encontrar coisa nova, tal o seu renome. Tive uma amarga decepção. Obra de jingoismo e preconceito, não lhe vi um ponto de vista novo, uma idéa original, uma observação profunda. Deu-me a impressão de um *film* de Los Angeles, onde as velhas imagens da antropologia brancophila se succedem, gastas e esmaecidas pelo tempo.

R I P L E Y

UMA das obras mais notaveis que têm apparecido ultimamente sobre anthropo-sociologia é a de William Ripley, professor da Universidade de Columbia da cidade de New York. Cerca de vinte annos tem de publicado esse livro. Nem todas as suas conclusões, talvez, serão acceitaveis. Mas, entre as obras de vulgarisação, com certeza, nenhuma offerece tantos elementos seguros para o estudioso chegar, por si mesmo, a conclusões pessoaes sobre a questão das raças.

Estudando a origem européa, Ripley encara de frente a celebre doutrina da raça aryana. Mostra que não passou da apressada generalisação de uma hypothese glottica. Mostra que, quando surgio, ainda não existiam, nem a anthropologia, nem a archeologia prehistorica. Assim, essa identificação do aryano com o *homo europeus* de Linneu nada mais é do que uma fantasia sem a minima raiz. Max Muller que, na mocidade, lhe tinha pago o tributo do arrastamento geral acabou escrevendo:

> «Falar em raça aryana, sangue aryano, olhos e cabellos aryanos é tão grande abstrusidade como a do linguista que falasse em diccionarios dolicocephalos e grammaticas brachicephalicas. E' acceitavel — dizia elle — apenas que se fale numa lingua aryana».

Ripley, apesar de pequenas lacunas, é o guia mais seguro nesses assumptos. As conclusões a que chega, depois de longas e rigorosas investigações, são as de que ainda estamos mais perto da unidade de raças, affirmada pela Biblia e por Darwin, do que da heterogeneidade pela qual se batem os propugnadores dos preconceitos raciaes. Para elle, hoje em dia, é um contrasenso falar-se em homem branco. Sejam quaes forem as apparencias e a pureza da pigmentação, póde-se dizer, sem receio, que não ha uma criatura ethnicamente branca, isto é, extreme de mescla. No seu entender, por exemplo, a França é uma immensa caldeira em que se fundiram todos os tres typos europeus, a seu ver, raças intermediarias entre o africano e o asiatico. A chamada lingua aryana, para elle, é de origem afro-européa, e as populações mais antigas do continente europeu denotam, no seu

substractum, as maiores affinidades physicas negroides.

Para elle, o europeu é o typo intermediario entre o negro e o asiatico.

A inferioridade da raça negra perante a historia recente do mundo é inegavel. Mas o seu longo martyrio não nos permitte vêr o que ella poderia ser noutras condições.

Invertamos, por hypothese, os papeis. Imaginemos os brancos, submettidos por millennios á escravidão, quer dos seus iguaes, quer do estrangeiro. Qual seria o nivel da sua civilisação? Teriam resistido eugenicamente ás degradações do captiveiro?

RAÇA AMARELLA

Si não podemos comparar povos livres e povos escravisados, nada impede que entre aquelles comparemos os brancos e amarellos. Recorrendo a épocas relativamente recentes, vemos que os mongóes, de que os aryanistas tanto desdenham, nada têm a invejar aos caucasicos. Como exemplares humanos, a sua robustez é maior do que a destes. A sua longevidade excede as medidas do crivel. A sua alimentação principal, o leite de egua, preserva mais da senescencia do que o kefir dos bulgaros. A sua adaptabilidade aos climas mais diversos é a mais extraordinaria que se conhece, segundo Ripley. Raça guerreira por excellencia, os seus feitos militares eclypsam os de todos os guerreiros do occidente, que, antes da Grande Guerra, nunca haviam travado batalhas, comparaveis, no numero de combatentes e na importancia dos destinos que decidiam, ás grandes campanhas de Genghiskan e Timurleng. Dominadores da China e conquistadores da India, deram a esta uma dynastia de grandes soberanos, de que nenhuma nação européa tem siquer

pallida approximação. Criaram uma arte architectonica e decorativa, perto da qual empallidecem as construcções que são o orgulho da Europa. Quem si dér ao trabalho de cotejar, pelas descripções dos viajantes e pelas photographias, a descripção dos monumentos hindús com os seus congeneres extranhos, terá de concluir pela inferioridade destes.

Muitas das conquistas da vida moderna lhes pertencem. A Roma pagan déra aos cuidados do corpo uma attenção especial. O christianismo primitivo, vendo neste um alliado do Tentador, condemnou-o ao desprezo. Desde ahi que a Europa viveu mais ou menos na sordicie pessoal. Luiz XIV, em toda a sua vida, não tomou um banho, segundo o seu camarista Dangeau. Mas os inglezes, tão adeantados nesse ponto como os francezes do grande seculo, penetraram na India com Lord Clive. Viram os banheiros hindús e o conforto que representavam. Importaram o banho para a Inglaterra, em cujos palacios não se conhecia esse exotismo oriental. Os inglezes disseminaram pelo mundo os habitos de asseio pessoal, que o Oriente tinha sempre conservado.

OS JAPÕES

QUANDO, porém, valesse o argumento de que a cultura mongolica apenas primara na architectura, teriamos para mostrar o que vale a raça amarella o exemplo dos japões, para empregar o termo dos nossos velhos chronistas. E' de hontem o facto. Foi hontem que o mytho da superioridade branca se dissipou como os muros de uma fortaleza de preconceitos aos clarões dos canhões nipponicos, em *Tsushima*. Já não quero falar na superioridade bellica. Quem estudar essa campanha, sob o ponto de vista humano, verá que a verdadeira civilisação estava com os japões, cujo respeito aos imperativos juridicos era tal que se faziam acompanhar de professores de direito internacional, que lhes traçassem os limites legaes dos seus actos.

Sob o ponto de vista da bravura, o espirito que sobrepairar a prevenções de raça terá que confessar que não ha, na historia, nenhuma mais épica. Os pequenos nippões atiravam-se sobre os fossos que defendiam as trincheiras inimigas, para enchel-os com os seus corpos e permittir a

passagem das hostes da rectaguarda sobre os seus cadaveres. Fanatismo, dizem os que fecham os olhos para não vêr.

Ao lado desse heroismo, que não trepidava ante o suicidio, havia um incomparavel respeito á vida e á propriedade do inimigo. Para encontrar exemplos de polidez guerreira igual aos delle, é preciso remontar ás tradições cavalheirosas do grande seculo onde os marechaes de Luis XIV proviam dos viveres que lhes faltavam aos commandantes das praças fortes que estavam sitiando.

Os russos eram tão bem tratados em seus hospitaes como elles proprios. Serviços de posta e de almoxarifado, exclusivamente creados para esse mistér, remettiam ás familias dos inimigos mortos, identificados pelas medalhas que traziam ao pescoço, tudo o que lhes pertencera e fôra possivel salvar antes de enterral-os. Não raro, no fundo da Siberia, um casal de velhos recebia, num *colis-postal,* o annel, o relogio ou o escapulario que lhes pertencera ao filho. Achar inferior uma raça destas que, oscillando entre os dois polos da energia humana, a bravura e a magnanimidade, attinge a regiões dessa belleza moral, é zombar do bom senso, desmentir a evidencia e negar a verdade.

Cegos serão os estadistas que não virem que o tempo do exclusivismo branco passou, e que terá de desapparecer pela força, si não quizer transigir pelo direito.

Hoje em dia, é um segredo de Polichinello a causa pela qual se firmou o predominio branco: a machina e os seus dois elementos, o carvão e o ferro. Emquanto a Europa foi a unica a dispôr dessa carta marcada no jogo do predominio universal, emquanto teve o monopolio da metallurgia, tudo lhe ia bem e a sua supremacia sobre o Oriente era tão grande como a do automovel sobre a jinrikisha, o leve carrinho de duas rodas, puxado á mão pelos *cooleys* nas ruas de Pekin. Mudaram-se, porém, os tempos. O Japão nada tem mais que invejar á Europa no dominio metallurgico. Seus estaleiros e arsenaes são perfeitos. Seus operarios levam, sobre os europeus, a vantagem de uma incomparavel habilidade mecanica. A sua faculdade de assimilação, imitação e execução é um caracteristico atavico. Já Fernão Mendes Pinto assignalava que o naufragio de um chaveco portuguez levou á costa nipponica tres portuguezes armados de arcabuzes. O *shogun* da região deu-lhes um junco para continuar a viagem, e comprou-lhes dois dos mosquetes. Tempos depois, ao passarem de novo por ali, os

antigos naufragos desceram á terra e verificaram que todos os incolas já dispunham de arcabuzes feitos com a maior perfeição, sob o modelo dos que haviam comprado.

O Japão tem hoje o papel de instructor da Asia, onde não faltam o ferro, o carvão e o petroleo. Tem ao seu lado a China, com os seus quatrocentos milhões de habitantes. A civilisada Europa entendeu que ella devia envenenar-se para enriquecel-a. Declarou-lhe a guerra do opio, em nome do direito de matal-a aos poucos.

Bem o merecia o Celeste Imperio... Não conhecia a polvora, seculos antes de Bertoldo Schwarz descobril-a na Allemanha? Por que só a empregara nos dragões luminosos, nos buscapés e nas rodinhas dos fogos de artificio? Por que não a applicara á arte de matar?

Com essa mentalidade, os europeus assolaram a China, destruiram a Torre de Porcellana, talvez a mais pura joia architectonica do mundo, e queimaram a encyclopedia chineza, cujo só indice tinha centenas de volumes e era o mais antigo e copioso repositorio de historia que se conhecia.

Desde ahi que o Occidente pensa que o Celeste Imperio nunca despertará do letargo do opio. Mas uma propaganda intensa, ini-

ciada ha muitos annos, está procurando despertal-o. No dia em que se japonizar, isto é, adquirir a mesma integridade nacional do velho Cipango, todos os mercados do Oriente estarão fechados aos brancos, que terão de tratar de igual para igual com os amarellos, e não, como até hoje, de senhor para escravo. Note-se que todas as outras raças de côr consideram os brancos o inimigo commum.

O aggravamento dos antagonismos de raça, a obstinação em não dar direitos de cidade a nações só convencionalmente inferiores, póde determinar, no mundo, uma guerra continental. Os maiores pensadores contemporaneos vêm ahi a mais tenebrosa das incognitas do seculo. A celebre gravura do Kaiser, em que este pintou as nações da Europa reunidas numa collina e de espada na mão para resistirem juntas á invasão das tropas asiaticas que se approximam, já o confessam até escriptores francezes, não merecia os remoques com que foi acolhida. Era uma antecipação sensata do futuro. Perdida pelo Occidente a supremacia metallurgica e chimica, igualadas as forças no terreno das armas e dos recursos, seria o factor numerico quem decidisse a victoria. Já os mussulmanos e os hindús propagam a necessidade da Guerra Santa. Por hypo-

thetico que pareça esse movimento, ahi está o exemplo das Cruzadas do Occidente, para mostrar a sua possibilidade eventual.

Tem de haver, portanto, uma revisão de idéas e directrizes. O orgulho branco terá de entrar no terreno das composições, si quizer manter a sua posse pacifica sobre os dominios que occupa. Os *homens praticos,* isto é, os que enxergam o dia de hoje apenas, desdenham desse problema, de que não chegam a admittir a equação. E' a philosophia da avestruz que, quando ameaçada, fecha os olhos, pensando que assim foge ao perigo.

RAÇA NEGRA

ENTRE as conquistas da sciencia, uma das mais pacificas parece ser a da unidade de especie. As theorias materialistas de Darwin e seus successores coincidem, nesse passo, com o testemunho da Biblia. Não ha provas de que, nos tempos prehistoricos, tenham sido os brancos, e não os negros, os dominadores da terra.

A archeologia estaca, desanimada, nos confins dessa edade, que se conta por millennios. Donde partiram os primitivos colonisadores da Europa? Em épocas de relativa proximidade, não ha duvida que foi da Asia. Em outras, anteriores, ha quem sustente que da Africa. Saint Yves d'Alveydre, curioso escriptor francez, que escreveu a celebre *Mission des Juifs,* narra que a raça dos Kouschitas, transpondo o Mediterraneo, invadiu e dominou a França. Para marcarem o seu despreso por aquella raça de brancos, cuja côr, a seus olhos, constituia uma inferioridade, deram-lhe o nome da mais despresivel coisa branca que conheciam: *scytha.* Scytha significa saliva na

lingua de Kousch. Foi esse o nome que os antepassados dos abexins deram aos celtas.

Na India e na Arabia, é frequentissimo, quasi tão frequente como o olivaceo, o typo do negro, que só se differencia dos africanos pelos cabellos corridos.

Segundo os Védas, os primitivos habitantes da India sahiam em grandes expedições conquistadoras, que devem ter chegado ao Mediterraneo, uma vez que a theogonia grega não é mais do que a adaptação symbolica e a encarnação anthropomorphica dos mythos cosmogonicas da India.

Da mescla de sangue hindú, consequente á conquista, deve provir a pigmentação morena da raça grega.

Sahindo, porém, do terreno conjectural da prehistoria, a endosmose africana dos povos ribeirinhos do Mediterraneo está fóra de questão.

Abertas ás incursões maritimas, todas as ourelas mediterraneas recebiam o affluxo do sangue africano, que as communicações commerciaes lhes traziam. Sobre esse conceito, ou, antes, sobre esse facto historico, ha quasi unanimidade de opiniões.

O proprio Gobineau o reconhece, e Ripley, indo mais longe, dá á lingua aryana uma origem afro-européa, o que prova que

a assimilação dos dois elementos foi completa num dado momento.

Si essa influencia negra, tão grande, conseguiu desapparecer da Europa, repontando apenas em vestigios na pigmentação morena de certos agrupamentos ethnicos, tres conclusões se devem tirar. Primeira: a mescla africana não é uma condição de inferioridade, uma vez que raças mais nobres não conta o mundo do que as mediterraneas. Segunda: a aryanisação progressiva do Brasil, a exemplo do que se deu na Europa, é um phenomeno fatal e inevitavel. Terceira: os europeos e os africanos são parentes. O talento genial de José do Patrocinio já o presentia instinctivamente. Como? — Vamos vel-o.

JOSÉ DO PATROCINIO

JOSÉ do Patrocinio falava um dia num theatro do Rio.

Quem não o ouviu não sabe o que é a eloquencia arrancada ás raizes da vida como a chamma de Zeus á raiz dos carvalhos de Dódona.

Vi um dia, numa queimada, a extracção dum tronco de peroba por dois *tanks* de guerra, transformados em tractores. Foi preciso multiplicar a força de um pela do outro, ligando-os por cabos de aço, e puxarem os dois a um tempo.

O colosso, que um homem mal poderia abraçar, mergulhado no fundo da terra, tremeu, mas resistiu ao primeiro abalo. A corrente rangia estreitando-lhe a cortex. Mas os tanks, conquanto a inaudita resistencia duma cimentação secular tentasse paralysal-os, continuavam numa reptação de scolopendros. E ao cabo de minutos de angustia, ao empuxe dos musculos de aço dos monstros mecanicos o tronco despegou-se do torrão nativo, torcendo-se, estalando, sangrando terra roxa pelas raizes, num lon-

go gemido, num gemido de fibras dilaceradas, num gemido humano.

A palavra sahia das entranhas do *Negro* — assim o baptisou o carinho symbolico de Olavo Bilac — como esse tronco de peroba da sua gleba.

Era o gemido de toda a sua raça que lhe sahia ululando das fibras.

O «Negro» parecia um golfinho, as ventas inchavam para beber o ar e todo elle tremia» — contava-me Guimarães Passos, descrevendo a interrupção que deu lugar á apostrophe magnifica: «Si Deus me deu a côr de Othello foi para ter ciumes de minha patria!»

Numa dessas orações plutonianas, em que sua palavra ardia como uma cratera numa noite carregada de estrellas, um escravocrata deu-lhe um aparte firmado num autor saxonio, que legitimava o trafico.

O «*Negro*» estacou e reproduziu o golfinho de Guimarães Passos. «Nós latinos, respondeu trovejando, temos outra mentalidade; a creatura humana não é uma mercadoria». O theatro veio abaixo de palmas.

A' sahida, caminho do Carcellér ou da Guarda Velha, onde iam *molhar* o triumpho, Guimarães Passos e Olavo Bilac, seus irmãos, puzeram-no á bulha com o carinho

aspero com que costumavam esconder o seu perenne deslumbramento:

— «Então, *seu «Negro», nós latinos...* hein?» — «Latinos pela cultura», desculpou-se atrapalhado o grande orador.

Não, José. Não tinhas razão na restricção. Latino, sim, por tudo, até pelo sangue. O sangue africano que te corria nas veias era menos dissimulado do que nas dos europeos. Faltavam-te á epiderme tres, quatro, ou mesmo si quizerem, vinte gerações de cruzamentos. Mas si é exacto, como elles querem, que o soma e o germen do preto nunca desapparecem, tu eras tão latino como elles, porque elles são tão africanos como tu.

A FUSÃO ETHNICA DO BRASIL

NÃO devemos, portanto, nós, os brasileiros, curvar a cabeça á accusação de mestiçagem. Mestiças são, hoje, todas as raças do mundo, excepto os pequenos nucleos, aliás do mais baixo indice mental, dos esquimós e dos lapões e os pretos, que desde que se cruzam deixam de ser pretos.

O curioso porém é que os proprios que nos depreciam, chamando-nos mestiços, como Gobineau, dizem que a arte européa é filha da mestiçagem, que nasceu no berço afro-europeu.

Si alguma coisa ha de certo na anthropologia, é que todas as nações da Europa, mórmente as mediterraneas, são mestiças. Ripley, nos seus mappas anthropologicos, sarja de influencias africanas quasi todo o seu territorio. Em bôa logica, isto é chamar os mediterraneos de mulatos da Europa. Os brasileiros que tiverem na cutis «a sombra do sol posto» não têm de que se envergonhar. Antes delles, os antepassados de todas as nações modernas passaram pela mesma sorte. Nasceu a arte á orilha de esme-

ralda jonica. Quando ainda os barbaros do norte disputavam aos ursos das cavernas os ossos das rennas, já o Parthenon perfilava no horizonte da Acropole os troncos de palmeira imperial do seu columnario. E tanto aquelles que o edificaram como os que lhe comprehendiam a suprema belleza traziam nas veias esse sangue africano, que o proprio Gobineau confessa ter sido o fermento do sentimento artistico.

Mestiça, e das mais mestiças, é toda a França, o que não lhe tirou o messianismo espiritual que em vão o ciume lhe tentaria negar. Os filhos da Dordonha, herdeiros da raça de Cro-Magnon, são irmãos dos Kabilas e Bérberes. Si dalguma cousa valem indices craneanos, si dalguma coisa valem traços physionomicos, não passa Clemenceau de um mestiço euro-asiatico, cuja origem mongoloide reponta, numa regressão atavica talvez de centurias, nos zygomas, nas maxillas e no indice cephalico do grande francez.

Lapouge, que prophetisava a africanisação do Brasil, pelo cruzamento, ignorava o processo deste no Brasil. Aqui, o emigrado portuguez recem-vindo achava na preta a guardian da casa e a companheira. O interesse immediato, tão sabio como Salomão, abria os ouvidos e os braços ás Makenas

e Sulamitas. Deixava-se arrastar pelo «*nigra sum sed formosa*», nem sempre verdadeiro, do Cantico dos Canticos. O elemento branco era sempre masculino. A mulher branca tinha a incompatibilidade organica do preto. A sua conjuncção com elle parecia-lhe uma aberração, com que rarissimamente transigia.

Na Europa dá-se o contrario. As Belkiss brancas têm a fascinação do negro. Corramos um véu sobre as regiões por onde passaram os soldados coloniaes da Grande Guerra. Que o digam apenas os grandes hoteis, forçados a retirarem de elevadores e portarias os trintanarios pretos porque as Pompadours de hoje, esquecidas até do exemplo da antiga com o seu Zamora, não se desdoiram de descer até á libré dos lacaios. No Brasil, em summa, Chantecler sempre foi branco. Nas *basse cours* da Europa dá-se sempre o contrario. São as faisans brancas que correm atraz do Chantecler oxydado.

Não ha, nestas palavras, proposito de detracção. Quem fala assim reconhece mais que ninguem o quanto devemos á Europa. Mas é preciso não lhe dar a liberdade de dizer o que queira sem ouvir o que merece. E' preciso mostrar aos seus sociologos de pacotilha, desde Gobineau a Gustavo Le Bon

— esse Paul Geraldy da sciencia, que affirmava irresoluvel a dirigibilidade aerea com o mesmo topéte com que hoje affirma a fragmentação dos Estados Unidos, — que a contra-critica brasileira é tão apta como a delles não só para descobrir na cutis dos mestiços seculares a côr de chocolate como ainda para proclamal-o.

Mestiço é o Japão onde as migrações melanesicas se radicaram para formar essa raça cuja assimilação do progresso occidental constitue o maior prodigio ethnico da historia. Numa epoca em que a sciencia ingleza procura resolver a acclimação britannica na India pela transfusão do sangue hindú aos seus soldados, como vaccinação contra a hepatite dos paizes humidos e quentes ,ninguem póde envergonhar-se de compartir com a Europa o privilegio de ter no proprio algumas gottas do sangue africano. Não é mais possivel na Europa falar em raças puras, diz Pittard, no seu livro *l'Herédité*.

O contingente indigena que contribuiu para a nossa formação, pequeno no litoral, é maior no sertão. O indigena não se erradica. E' visceralmente nomade. Precisa da liberdade dos campos e florestas. Só uma intuição muito segura da sua mentalidade infantil era capaz de con-

gregal-o em povoações e amansal-o. Até Rondon, só os jesuitas haviam conseguido esse milagre. Mas a obra destes foi extincta pelos bandeirantes que destruiram as suas reducções.

Dahi o internarem-se elles em regiões cada vez mais remotas. Dahi a nossa mescla indigena ser em menores proporções do que na maior parte dos outros paizes americanos. Dahi o sermos mais europeisados do que elles. Calogeras, autoridade que se precisa evocar a cada passo quando se trata de assumptos brasileiros, accentúa que o seu influxo, maximo nos primeiros tempos da conquista, foi gradualmente decrescendo. Diz elle:

> «O que, do corpo e da mentalidade do selvagem, passou ao descendente cruzado não é facil distinguir pela pequena fixidez do typo intermedio, de transição, assim surgido.»
>
> «Talvez maior despreso pelo soffrimento, maior desapego á vida, ferocidade no trato com o inimigo, altivez incoercivel, astucia, indifferença pela riqueza, persistencia na vingança, pouca sequencia nos propositos alheios á sua vindicta.»

O indigena era um homem na pureza primitiva, com a rara afinação dos sentidos que lhe é propria. As suas percepções intellectuaes não passavam de um circulo estreito. Mas, uma vez neste, determinavam resoluções tão firmes e elevadas como nos brancos. Os Tibiriçás, os Arariboias, os Potys, os Camarões, nada ficavam a dever, em heroismo, aos portuguezes, a cujo lado combatiam. Foi essa a raça que trouxe o seu contingente ao brasileiro de hoje. Della surgiu o mameluco e deste o nosso caboclo do interior. Em summa na raça brasileira o factor de fixidez é o elemento branco.

A GLORIFICAÇÃO DA CRUELDADE

BEM poucos os que se lembram do direito, quando a gloria passa no horizonte com o seu tropel de canhões e o seu trapejar de bandeiras, paralysando o espirito de analyse pela fascinação dos seus triumphos. A mentalidade nordica e germanica, essa, então, nunca teve outra convicção sinão a de que só a victoria dá direitos. Dahi a magnificação do meio de conquistal-a: a guerra. Dahi o aphorismo de tornal-a cada vez mais cruel, para tornal-a mais breve.

De gradação em gradação, chegam os theoristas da guerra á apologia da crueldade. «Aos inimigos não se deve deixar sinão os olhos para chorar», — dizia um delles, cujo nome a compaixão me leva a omittir, porque as suas palavras têm um toque de ironia, depois da derrota da sua grande patria que, si as acceitava quando tinha a certeza de vencer, foi a primeira a repudial-as depois de vencida.

Essa crueldade foi sempre a caracteristica dos guerreiros nordicos. Os homens fazem os deuses á sua imagem. Quem lhes

estudar a theogonia primitiva verá que o caracteristico dos seus numes era o desprezo da vida e a apologia do homicidio. Essa mentalidade, entretida preciosamente pelos manipuladores de guerras, educou e exercitou physicamente gerações e gerações para os seus rudes mistéres. E' natural que esse cuidado apparelhasse o animal humano, a elle submettido, de uma resistencia maior do que os outros, isentos das mesmas preoccupações. Athleticos e crueis, mas deformados nos sentimentos e na intelligencia, esses povos desdenhavam dos outros que, com um conceito diverso da vida, não se preparavam para matar.

De todas as raças européas, as menos crueis são as latinas. As excepções dessa regra são talvez oriundas de regressões atavicas, devidas a cruzamentos com os povos do norte. Na bacia mediterranea, o conceito da lucta não tem requintes de atrocidade. Os deuses do Olympo bebem o hydromel e a ambrosia em krateras de ouro, ao passo que o Jupiter scandinavo é em craneos humanos que bebe o sangue dos inimigos.

Talvez devido ao instincto da musica, que abranda até os animaes, os africanos, entre os quaes ella nasceu, tenham trazido á Europa prehistorica o contingente racial

da bondade. Conjectura ou não essa contribuição, o facto é que, entre os latinos, se encontram os grandes cultores da bondade. Tambem matam, é certo, tambem são excellentes soldados, talvez os melhores da Europa. Mas não matam por prazer, ou por necessidade organica. Matam para defender a patria. Matam para não morrer. Matam em legitima defesa.

Uma grande confusão reina entre crueldade e bravura, entre obstinação e caracter. Os bons, os que odeiam o homicidio, os que detestam a violencia passam por fracos, ducteis e pusillanimes. Os máos, os desalmados, os atrozes passam por ser os constructores da civilisação, os operarios do progresso, os exemplares nobres da especie. Que sopre, porém, a adversidade e todo o inteiriço dessa arrogancia tomará a flexibilidade dos canniços ou dos vimes. Inda ha pouco, publicavam os jornaes a descripção da impressão que tinham os modernos descendentes de Odin quando os soldados negros da Algeria avançavam contra elles, de faca nos dentes, semi-nús, a bocca convulsionada num rictus que lhes mostrava os dentes, mais brancos pelo negrume da pelle. Ficavam estarrecidos como deante da apparição de demonios. Sabiam que não teriam quartel, como poderia occorrer si

combatessem com brancos. Ahi podiam medir todo o horror da crueldade, que não se contenta senão com o exterminio do inimigo. Criança grande, cujos instinctos ainda não percorreram o cyclo do amadurecimento total, o negro não tem gradações nos instinctos. E' visceralmente bom. Mas, quando deixa desencadear a besta humana, a sua combatividade não conhece os limites da piedade, que a cultura christã instillou, de geração em geração, durante seculos, nos que nasceram á sua sombra.

O caracteristico do brasileiro é a bondade. Herdou-a da civilisação mediterranea, através de Portugal. Nunca fez da crueldade o padrão moral da eugenia.

A parte da população brasileira, oriunda de cruzamentos indios e negros, não tem a crueldade no sangue. A anthropophagia dos nossos indigenas, observações recentes concluiram que não era senão um rito religioso, quasi sempre symbolico e consistindo em repartir, entre centenas de individuos, o corpo do inimigo morto, para inflingir-lhe assim, embora posthumamente, a humilhação das humilhações. O nosso negro, afeiçoado pela brandura dos nossos costumes, que não tinha parelha nos outros paizes de escravidão, bem cedo humanizou-se e, com as excepções de poucas raças, das

menos numerosas entre aquellas que Braz Amaral conseguiu identificar, é de uma bondade tão notoria que a sua tradição ainda se conserva em todas as memorias.

O brasileiro do interior, o nosso caboclo, fundiu em si essas almas. Porém, quando arrastado aos combates, alguma cousa da astucia, da bravura, do arranque instinctivo, do desprezo da vida do indio e do negro o transfigura num soldado incomparavel. Foi isso o que conservámos das chamadas «raças inferiores»! Elles nos deram o melhor elemento para a defesa nacional.

TRADIÇÃO LATINA

PROVADO pelo cotejo entre brancos e amarellos que a civilisação não é privilegio de uma raça, vejamos quem somos. As nossas raizes ethnicas mergulham no solo lusitano. Somos especificamente latinos. Os cromosomas portuguezes, nos cruzamentos ethnicos, prevalecem sobre os outros, com uma constancia maravilhosa. O filho do portuguez com qualquer outra raça é portuguez.

Embalde os arautos do nordismo têm decretado a decadencia latina. A cada uma das suas affirmações corresponde sempre um desmentido. A America do Sul não tem que se envergonhar da sua tradição romana. Os que mais pensam fugir-lhe, mais lhe pertencem. O seu esforço para se lhe eximir é ingenuo e vão. Si o peso dissesse á lei da gravidade: — «Não me submetto ao teu imperio» — faria o mesmo que esses pretensos evadidos da cultura latina. Que lingua falam elles? De que syntaxe dispõem? Que idéas, que principios, que leis de relação, que preconceitos os dominam?

As sociedades modernas repousam sobre o Direito Romano. Foi elle quem humanisou a vida de relação. Infiltrado em todas as outras codificações a todas domina, como a Eternidade ao Tempo. Foi elle o creador do mundo contemporaneo.

Como, pois, póde haver quem se gabe, hoje, de não soffrer a influencia latina?

Bem sei que se ha de entender de modo restricto essa latinophobia.

Mas á independencia autochtone ou cabocla, que a condemna, eu lhe pergunto em que paiz esquartelou seus brazões de legitimidade, e com que resultados. No Paraguay de Francia? Mas para que? Para odiar os visinhos? Para perseguir os naturaes e mantel-os em escravidão?

Não nos illudamos. Esse americanismo, esse bugrismo, esse indianismo que por ahi campeia, num exclusivismo cego, não tem verdade, não tem criterio, não tem observação, quando repudia a origem latina. Roma sobe e desce, declina e ascende, transfórma-se e transfigura-se, ora no eclypse, ora no fastigio. O seu phenomeno politico e social está sujeito ás vicissitudes dos tempos e dos homens. Mas a fórmula romana, a fórmula latina, feita do direito que plasmou a civilisação moderna, sujeita embora a transformações e modificações como tudo que

é humano, inda não appareceu astronomo que lhe medisse a parabola de desapparecimento.

Temos, pois, que, colonisados por Portugal, não ha que renegarmos a nossa ascendencia. Desnaturado é o filho que renega o pae que decahiu e empobreceu. Concedamos que a moral entre os povos não seja a mesma que entre os individuos. Mas, mesmo afastada essa consideração e estudada a nossa origem sob o ponto de vista racial, só temos que nos orgulhar.

Das nações colonisadoras da Europa, nenhuma criou uma nação tão grande, tão homogenea e tão culta como Portugal. O senhorio espanhol, na America, fragmentou-se em grande numero de paizes, é verdade. Mas com um contingente minimo de sangue castelhano, na maior parte absorvido e dominado pelo elemento indigena. No Brasil deu-se o contrario. O elemento portuguez predominou, absorvendo as outras raças. Dahi a nossa unidade ethnica, que pequenas variantes não conseguem descaracterisar.

A Inglaterra criou os Estados Unidos. Doou-lhes a lingua e a religião. Mas os Estados Unidos de hoje são um vasto mosaico ethnologico, onde o sangue inglez puro faz os maiores esforços para não se deixar absorver. As colonias alleman e judia,

americanisadas, mal se deixaram assimilar. O perigo da invasão immigratoria é ali tão grande que o governo tomou medidas contra ella. Um enorme contingente negro, que orça por quinze milhões, inassimilado, hostilisado, odiado, mostra a falta de qualidades assimiladoras do inglez.

O portuguez tem qualidades eugenicas de primeira ordem. Nos cruzamentos com outras raças, a constante é a da sua predominancia. Na mestiçagem com o negro, elle domina sempre. No caldeamento afro-lusitano, a sua influencia opera como a do sangue de boi na refinação do assucar preto: é o agente catalytico da brancura. Elle e o italiano são os dois povos colonisadores por excellencia.

Em resumo, a raça de que o Brasil descende, nada inferior a nenhuma das outras, cujo fastigio momentaneo nos deslumbra, foi a que consolidou, no mundo moderno, o predominio branco. Nenhuma prestou serviços tão assignalados á actual civilisação. Anthropologicamente, é ella uma raça superior: nem ha nenhuma mais nobre.

HEGEMONIA POLITICA DOS BRANCOS

NINGUEM pensa hoje em discutir a primazia da raça branca. A humanidade, ordenança da victoria, está de ha muito habituada a confundir as duas noções de predominio e superioridade. E' a logica do successo. O vencedor tem todas as qualidades; o vencido, nenhuma.

A historia universal, limitada a um periodo restricto de mais ou menos quatro mil annos, quando a edade da terra é pelo menos de um milhão, inda não fornece dados scientificos para tal affirmação. A proporção do periodo conhecido para o ignorado é de um para vinte e cinco. Trata-se de um alphabeto de vinte e cinco letras, das quaes só conhecemos uma. No entanto, com o simples conhecimento de uma, queremos ler toda a historia do homem na terra...

Ha, para isso, causas poderosas. Voltam-se os olhos ao passado, e só se vêm brancos na historia do mundo. «Ah! si os leões fossem pintores!» dizia o bom Lafontaine. Quando muito, dá-se um pouco de attenção aos amarellos, aliás quasi desconhecidos pe-

los autores occidentaes, ciosos em manter a lenda da inferioridade racial do asiatico e do africano. Tudo conspira para consolidar a these mais lisonjeira para o orgulho caucasico. Precisamos estudal-a.

A raça branca nem sempre dominou o mundo. No anno de 1500, a população branca da Europa equivalia, talvez, á sua quarta parte. Grande parte dos barbaros, cujas invasões foram o flagello do continente europeu, que geographicamente não passa de uma peninsula asiatica, pertenciam á raça amarella.

No anno de 1500, pequenos nucleos brancos e mestiços dominavam as orilhas maritimas. De um desses grupos, o que do ultimo pedaço da Europa dominava o Atlantico, partiu o movimento que devia salvar as populações litoraneas.

O PAPEL DE PORTUGAL

COUBE a Portugal o papel de salvador da raça branca. Para contrastar a invasão e a influencia barbarico-asiatica dois caminhos lhe restavam: ou marchar, por terra, ao seu encontro e combatel-a em campo raso, ou criar meios indirectos de combatel-a. Portugal teve de escolher o segundo. Procurou, no Atlantico, a arma que lhe faltava. A organisação scientifica dos descobrimentos maritimos foi a forja em que o velho Portugal caldeou a espada da victoria.

A guerra é uma questão de rapidez de movimentos e de riqueza, elementos que faltavam aos barbaros, na maioria nomades. A navegação e o commercio maritimo iam dar esses dois factores aos portuguezes. As suas bandeiras atlanticas, descobrindo novos caminhos, novos emporios, novos mercados de permuta, iriam pôr-lhe nas mãos a chave da guerra e do predominio. A escola maritima de Sagres foi o nucleo desse movimento, que até hoje está dominando.

Si a raça caucasica quizesse erigir um monumento ao seu archetypo, teria de ir buscal-o em D. Henrique, o infante navegador, que, dando á Europa o dominio dos mares, lhe deu tambem o dominio da terra.

PRIORIDADE NA NAVEGAÇÃO SCIENTIFICA

NÃO póde haver duvida quanto á prioridade dos portuguezes nas conquistas da navegação. Ainda é difficil descobrir as origens da sua superioridade na arte de navegar. Talvez que tivessem herdado os segredos phenicios. Tudo, porém, leva a crer que se não lançavam ás cegas ao desconhecido. As galeras phenicias, nas suas explorações, tinham ordens, a que obedeciam cuidadosamente, de se afundarem com toda a tripulação, si ameaçadas de apresamento: era a defesa dos segredos que lhe constituiam a supremacia do emporio commercial. Portugal não levou tão longe a defesa dos seus. Comtudo, os seus roteiros e cartas de marear eram cuidadosamente preservados do conhecimento dos povos rivaes. Somente quando uma organisação excepcional lhes permittia destemer a concorrencia é que se tornavam publicas as suas expedições.

A Historia da Colonisação Portugueza no Brasil, admiravel repositorio de documentos, deixa provado á saciedade que Por-

tugal escondia, ciosamente, os rumos das suas caravellas. Para demonstra-lo, basta um facto curioso: os annalistas portuguezes, grande linhagem de historiadores minudentes, em que se enumeram os João de Barros e os Damião de Góes, são omissos sobre quanto faziam e alcançavam os marujos lusitanos, na epoca dos descobrimentos. Os chronistas-móres do reino não tugem nem mugem quanto ás incursões transoceanicas. Tal silencio só pode provir do motivo acima apontado: a necessidade do segredo, o receio da concorrencia e a vantagem da prioridade.

Conquistado o oceano, sobraram braços e meios de fortuna aos audazes exploradores. A Asia era sangrada nas veias mais ricas: as do commercio. Este dantes tomava dois caminhos: a Estrada da Seda, que chegava ao Mediterraneo por meio de longas e demoradas caravanas, e a grande estrada migratoria que desce da Russia, marginando o Danubio. Os portuguezes praticamente annullaram essas duas estradas. Reduziram a um terço ou a um quarto o percurso das viagens. Genova e Veneza, explorando o caminho mediterraneo, tinham enriquecido. Portugal veiu inutilizar essa rota, já de si infestada pelos piratas turcos. Arrancou ás republicas italianas a he-

gemonia commercial e tornou-se durante algum tempo, a primeira das nações da Europa.

Depois que Portugal assumiu essa situação, teve a raça branca o que lhe faltava: o braço, a riqueza, a organisação, a consciencia da propria força. Desde que o Atlantico se tornou suzerano da colmeia de Sagres, a onda asiatica estacionou parte, e parte refluiu para a Europa oriental, caminho do seu berço. Todo o orgulho da raça branca não se mostraria, portanto, si o pequeno Portugal não lhe houvesse dado nos mares a grandeza que lhe faltava em terra.

E' preciso insistir nessa gloria do pequenino Portugal. Coube-lhe a missão historica de ser o paladino da raça branca. O promontorio de Sagres foi o berço do orgulho caucasico. Logo depois de Portugal, veiu a Espanha, competindo com elle na primazia. Em seguida, a Italia, com os seus Colombos e Vespucios, e a França, com os seus armadores de Dieppe. Essa a verdadeira historia: onde estão os dolicocephalos teuto-saxonios?

O plano nacional do infante D. Henrique foi continuado por D. João II, e corporisou-se na creação da Junta dos Mathematicos, destinada a dar um caracter scien-

tifico á navegação. Embalde Humboldt tentou reivindicar para a Allemanha a gloria de ter creado com Martim Behaim, a astronomia nautica. São irrefutaveis as demonstrações de Bensaúde, que prova a prioridade portugueza e cita as tabellas de declinação do sol, pelas quaes se guiavam os portuguezes muito antes do apparecimento do cosmographo allemão.

Os espanhóes, por seu turno, não fizeram sinão seguir os passos dos seus visinhos; o tratado de Enciso foi calcado sobre as lições dos irmãos Falleiros.

Pedro Nunes, o inventor do *nonio*, podia escrever, em 1537, que os portuguezes não iam descobrir ao acaso, mas scientificamente, levando bons instrumentos e boas cartas de marear.

A navegação deixou de firmar-se apenas na bussola. Procurou as directrizes celestes. Nessa transformação de methodos, a primazia portugueza é incontestavel. João de Lisboa, em 1514, escreve um tratado de longitudes calculadas pelo Cruzeiro do Sul, do qual somente quatorze annos antes Portugal tinha tido noticias pela carta a El-Rei D. Manoel, em que Mestre João, fisico da Armada de Cabral, se lhe referia. Não tinha, mais uma vez, razão Humboldt, dizendo que a mais antiga referencia ao cru-

zeiro é a de Corsali, em 1515, na carta a Juliano de Medicis, em que fala na *croce maravigliosa nel mezzo di cinque stelle.* Muito antes delle, já Mestre João a assignalava. Isto, si esquecermos que, já em 1455, Luiz Cadamosto a havia descripto numa expedição portugueza.

Em summa, a energia de D. Henrique tinha importado as melhores capacidades em mathematica e astronomia, entre as quaes o cartographo e constructor de bussolas Mestre Jacome de Maiorca.

D. João II teve ao seu lado, por sua vez, Abrahão Zacuto, professor de astronomia em Salamanca, e Mestre José, o Zé Visinho ou José Judeu, a principal figura do tempo, que simplificou o astrolabio mourisco e fez uma viagem a Guiné afim de fazer observações da latitude por meio da altura meridiana do sol. Foi com estes elementos, voluntaria e determinadamente congregados, que Portugal estabeleceu as bases das suas navegações. Nessa epoca, nenhum outro paiz deu ao assumpto o caracter de interesse nacional.

LISBOA E A ITALIA

EM principios de 1500, Lisbôa era o maior entreposto atlantico, a capital maritima do mundo.

Genova, do seu ninho rupestre, e Veneza, das suas lagunas, alimentavam o esplendor dos seus palacios com os proventos de um commercio que monopolisava o Mediterraneo e canalisava para as angras italianas as riquezas orientaes. A Renascença resuscitava nos espiritos o culto da belleza e do humanismo. Florença, sob o patriciado dos Medicis, gravava na pedra das collinas toscanas a cruz de seus lyrios vermelhos, que reproduz a insignia das velas luzitanas. Um espirito novo começou a reinar no mundo. Dir-se-ia que um oxygenio, mais puro e mais amplo começava a arejar os pulmões da humanidade. O espirito latino-mediceo consorciava a sciencia e a pratica, a belleza e a utilidade, a idéa e a acção, o pensamento e a conquista. Muito antes de Goethe, no segundo *Fausto,* ter symbolisado em Euphorion o mundo moderno, o espirito latino tinha realisado o

seu sonho, creando a civilisação de que ainda hoje vivemos.

A renascença italiana não se insulou no seu paiz. A Italia não podia falhar á sua missão de Ceres do genio latino. Portugal, com quem as suas communicações eram constantes e o entre-laçamento de interesses profundo, recebeu todos os beneficios do seu grande movimento espiritual.

Das varias republicas em que então se dividia a Italia, a que tinha mais contacto e mais interesses communs com Portugal era Florença. Venesa e Genova não podiam ver com bons olhos o pequeno povo atlantico. Florença não podia esperar que suas rivaes do norte a chamassem á communhão dos beneficios do commercio maritimo. Podia esperal-o, porém, de Portugal, cujo raio de acção era differente e com quem não tinha motivos de rivalidade. Florença foi amiga de Portugal. Foi ella que lhe levou o espirito da Renascença.

A colonia florentina, em Lisbôa, era das mais importantes. Lisbôa era a capital das navegações. Todos os aventureiros illustres para lá se dirigiam. Lá morou Americo Vespucio. Lá moraram Ferdinand Venet, Lorenzo Girardi e Juanoto Berardi, amigos de Colombo, e Benvenuto de Domenico, que,

em 1504, enviava a Renata de Lorena a relação das viagens de Vespucio. Lá morou, muitos annos, Christovam Colombo.

Nessa capital descobridora da renascença, com o seu bulicio constante e com a sua febre de negocios, a colonia florentina era a corda do arco-iris que a ligava ao soberbo movimento do Lacio. Ha um caracter de grandeza nessa ligação da cidade dos armadores e dos nautas com o espirito de Lourenço de Medicis, o Magnifico. Por ella, Portugal se incorpora á Renascença. Por ella, a epopéa das navegações portuguezas é filha do espirito latino-mediceo. E' ella quem vae pôr na bocca do novo mundo o sal da cultura latina, que o baptisa.

A EXPEDIÇÃO DE PEDR'ALVES

PARA a expedição de Pedr'Alves, muito contribuiu, Bartholo Florentino, que representava, em Lisbôa, Lourenço de Medicis. Bartholo tinha um agente na India, de nome Leonardo Nardi, e gozava de tanto conceito que Affonso de Albuquerque dizia, numa carta a El-Rei, que acreditasse mais nas informações de Bartholo do que na dos seus proprios feitores da India.

O nascimento do Brasil occorreu, pois, sob bons auspicios. Portugal e Florença deram-se as mãos sobre o seu berço.

A historia das navegações portuguezas apaixona como um romance de aventuras. Os seus mysterios apenas ha pouco começaram a ser descobertos, graças em grande parte aos relatorios dos espiões genovezes e venezianos. Todo esse periodo nasceu do sonho do Infante D. Henrique e da Escola de Sagres. D. Henrique está tão acima de Vasco da Gama, Fernão de Magalhães e Pedr'Alves como a cabeça do braço, como o architecto do constructor. Foi elle que viu que os destinos de Portugal estavam

no mar. Foi elle que fez do Atlantico o Mediterraneo portuguez. E' o symbolo do Portugal-maiór. E, como o Portugal-maior comprehende, ethnicamente, o Brasil, segue-se que D. Henrique é uma figura que tambem nos pertence.

ORIGEM PORTUGUEZA

PORTUGAL precedeu á Hollanda e á Inglaterra no imperio dos mares. Não é de molde, aqui, o estudo das causas da sua decadencia. A falta de visão nacional, a politica de curto alcance, a ignorancia da aristocracia, o favoritismo aulico, a preterição das capacidades em favor dos chamados homens praticos, pseudonymo de todos os incapazes de realisações que escapam aos olhos, a falta de nexo evolutivo, a falta de continuidade espiritual, o fanatismo religioso, a intolerancia dos successores de D. João II — explicam, pelo lado intellectual, a queda de Portugal, ao passo que a escassez da sua população, a pobreza do solo metropolitano e o abandono da industria explicam, pelo lado material, o fracasso do seu predominio maritimo.

Hollanda e Inglaterra, *profiteurs* do esforço portuguez, aproveitaram-se dos seus erros. Hollanda enriqueceu-se com o elemento judaico, supersticiosamente expulso da Peninsula Iberica, onde era o elemento mais trabalhador e intelligente. Inglaterra aproveitou a imprevisão de Portugal, que

achava mais commodo ganhar dinheiro para pagar as importações do que criar as industrias que as dispensavam. O tempo consolidou essa superioridade, mas não se póde negar que o caminho da sua grandeza foi aberto pela pequenina nação que as precedeu nos mares.

Si nos orgulhamos da ascendencia latina, muito mais devemos fazer da de Portugal, que nol-a trouxe directamente. Orgulho da sua virilidade, orgulho do seu denodo, orgulho do seu espirito de sacrificio, orgulho da sua generosidade, orgulho da sua cultura, orgulho da sua lingua.

A LINGUA PORTUGUEZA

NÃO pertencemos á escola dos que querem fazer uma lingua nova: o brasileiro. Não vemos a necessidade de renegarmos a lingua dos nossos maiores. Por que? Para que? Não a estamos enriquecendo diariamente com vocabulos e construcções novas? Continuemos nessa trilha. Falemos o portuguez enriquecido pelo Brasil, mas falemos o portuguez.

Não digo que não se acceitem todas as contribuições dialectaes para o thesouro do idioma. Mas, filtrando-as e depurando-as de suas fézes. Impôr o solecismo é querer impingir a borra por vinho. A escolha dos vocabulos e locuções com que se enriquecem os lexicos é uma questão de gosto, tacto e medida. Não é frauta para o primeiro jaboti. Castro Alves com a sua fauna e a sua flora, Gonçalves Dias com os seus indianismos, Euclydes com o Nordeste, José Verissimo com a Amazonia, Waldomiro Silveira e Monteiro Lobato com os seus caipirismos, Mucio Teixeira com os gauchismos, uns mais, outros menos, deram fóros de cidade a vocabulos

e locuções preciosissimos, extrahidos ás fontes vivas do regionalismo e do genio da lingua. Mas isso é dar e não tirar. Ora, justamente o paradoxo é que dessa contribuição ha quem deduza o enfraquecimento do portuguez, engulido pelo dialecto brasileiro. Isso equivale justamente a deduzir do enriquecimento a pobreza.

Ora, a syntaxe de uma lingua é o seu coração, e um coração que não se sujeita, como o dos cães e cobayas, aos milagres de transposição cirurgica dos irmãos Mayo. Não haveria forças humanas que transformassem a nossa morphologia. O vocabulario brasileiro cresce em proporções de que dão bem idéa as collectaneas lexicas do padre Teschauer e de Affonso Taunay, que averbam milhares de vocabulos não colligidos no diccionario de Candido de Figueiredo. Mas a syntaxe é a mesma. Para que, portanto, essas questões de nonada, como se diz em Portugal, ou esses casos de cutiliquê, como se diz no Brasil? Deixemos as coisas como estão. Enriqueçamol-o com os vocabulos brasileiros bem cunhados. Mas fallemos o portuguez.

Ha pouco tempo, discutia-se, num congresso sul-americano a lingua em que cada delegado devia falar. Quando um delles, aliás, alto e nobre espirito, declarou que

falaria no seu dialecto, já com fumaças de emancipação, o delegado da Venezuela, logar onde talvez o castelhano se conservou mais puro, pediu a palavra: — «Eu me contentarei de falar na lingua de um cavalheiro que se chamou Cervantes.» Bella lição para os que se julgam diminuidos por falarem a lingua de outro cavalheiro, que se chamou Luiz Vaz de Camões.

Acha o portuguez aspero e tosco quem o não sabe manejar, pobre, quem o não conhece, deficiente quem o mede pela sua limitação.

Num certo estagio de cultura, escrever é menos uma questão de cabeça que de coração. Este é o reservatorio dos grandes pensamentos, dos que, submettidos ao microscopio da analyse, revelam, na tinta que os reproduz, o calor e a fibra do sangue arterial, que os alimenta. Para os que conseguem arrancar a idéa do plasma da vida a lingua é quasi indifferente. O grego de Demosthenes não é mais subtil, harmonioso e perfeito do que o português de Ruy Barbosa.

Nas mãos dos que lhe não descobriram o genio, o equilibrio, os recursos, a força, a energia, a vivacidade, a plastica, o calor e a fulguração, esta lingua maravilhosa fica realmente tolhiça e canhestra. Para os que

a sentem no seu esplendor e conhecem na sua infinita opulencia, ella reproduz todos os mysterios da eurythmia grega e do *numero* latino, que consistiam em integrar o pensamento na eternidade do rythmo.

E' preciso lel-a com a acustica das épocas. Nos *Lusiadas* está toda a Renascença, a alma rude e letrada que lia Homero e empunhava o montante de Aljubarrota, caminho das Indias. A sua lyra de cordas de bronze emmudeceu, porque não a sabem escutar ouvidos surdos á voz das aguas e dos céus. O Brasil, com a sua configuração geographica que, de Belém a S. Paulo, lembra uma prôa mettida nas aguas dir-se-ia uma das caravellas que ao dobrar o Cabo da Boa Esperança escutavam no bramido das tempestades as apostrophes do Adamastor.

Mas o Brasil não se limita a entender a voz dos elementos para comprehender a belleza do idioma que fala. Vae ainda mais longe. Amando a lingua em que, desde o berço, ouviu menos as palavras do que o palpitar do coração materno, na caricia celeste — *Meu filho!* — não quer outra para ecoal-a em todas as edades, na interjeição divina — *Minha mãe!*

Não lhe basta, porém, sentir a poesia dos affectos individuaes. Quer aprehendel-

os no espaço e no tempo, estrellados de lendas e recordações. E escuta todo o coração da raça numa simples palavra: saudade.

S A U D A D E

Só o portuguez dispõe de uma palavra que exprime, ao mesmo tempo, solidão e presença, desconforto e consolo. A saudade vive só e acompanhada. Traz á ausencia a presença querida. Reparte-se entre os que partem e os que ficam, e permanece a mesma em ambos. Desapparece, talvez, nos que morrem, mas estes, antes de se irem, levam como derradeiro consolo a certeza de que a saudade lhes guardará a memoria nos corações que lhes ficam.

Os diccionarios embalde porfiarão por definil-a. Recordação? Falta-lhe a tristeza. Soledade? Falta-lhe a evocação, que a espiritualisa e sem a qual a saudade não é saudade. Tristeza? Nem sempre, porque ha saudades alegres. Como caracterisal-a? Para conseguil-o, seria preciso fazer a histologia do coração e definir a complexidade dos sentimentos que lhe fazem estremecer as fibras.

Nenhuma lingua conseguiu traduzir essa palavra. Por que? Porque nenhuma é indice de uma sensibilidade como a nossa. Por

isso, nenhuma a comprehende. Haverá ahi um mysterio anatomico? Os ouvidos e os olhos da Raça da Saudade estarão mais perto do coração do que os das outras? Talvez que sim.

Basta a palavra *saudade,* que domina o vocabulario universal, como a Victoria Regia o reino das flores, para que o portuguez não inveje lingua alguma.

Vêde os meus milagres. Ella repete diariamente Homero e S. Francisco de Assis. Illumina de sorrisos e lagrimas a visão dos que se partiram e abre em flores os espinhos da ausencia. Afflige mas consola, consola e, porque é assim, ninguem lhe repudia a afflicção para não abrir mão do lenitivo. São bemvindas as suas lagrimas, que distillam um alcaloide especial para a anesthesia do soffrimento.

Um astronomo viu no Setestrello o centro de gravidade do Universo. As sete letras da saudade formam o Setestrello da lexicologia.

RECAPITULAÇÃO

FAÇAMOS uma synthese das ideas principaes deste ensaio. Nelle se affirma:

a unidade da especie;

a inanidade do preconceito de raças;

a impotencia da anthropologia e da ethnologia na discriminação dos caracteres individuaes e na determinação de superioridades e inferioridades.

os limites conjecturaes dos povoamentos e migrações primitivas;

a fallencia do gobinismo e da superioridade nordica;

a indiscutibilidade da mestiçagem em quasi todos os povos;

a influencia e a penetração do sangue negro em todas as civilisações;

a caracterisação afro-européa da civilisação grega e da latina, que lhe succedeu;

o recente da hegemonia branca;

o papel de Portugal como agente determinante dessa hegemonia;

e, finalmente, a improcedencia das accusações que se fazem ao Brasil, de não ter as qualidades que se requerem aos van-

guardeiros da civilisação, por ser o habitaculo de uma raça deteriorada pelo affluxo de sangues inferiores.

Este resumo ainda póde mais resumidamente resumir-se: Não ha raças puras superiores. Superiores só ha as raças mestiças. O Brasil é uma raça mestiça e superior.

JAM NOVUS . . .

QUE tem feito o Brasil? Que tem elle feito? Nasceu num berço agreste, entre os indios e as féras. Ao seu primeiro vagido, respondeu de longe o clangor das inubias e o rugido das sussuranas. Debruçou-se-lhe sobre o berço o crucifixo do jesuita, que lhe trazia aos labios uma gotta de sal, colhida na bacia azul do Mediterraneo, pia baptismal da civilisação. Cresceu. A Terra-Mãe, que o conchegava ao seio, déra ao invasor portuguez, tudo quanto possuia; a sua virgindade e o seu dote de opulencias inexploradas. Faltavam-lhe as riquezas, que só a mão paciente do tempo desentranha. Os seus thesouros jaziam sepultos nos grotões, nos rios, nas perambeiras e nos penhascaes. Os indios e as féras defendiam, palmo a palmo, o terreno em cuja posse haviam nascido. Surpresas homicidas salteavam-no em cada arranque. Eram hoje os reptis e os insectos, amanhã as piranhas e os cassununga, e sempre as maleitas, as febres, o desconforto de uma natureza, formosa e sorridente na apparencia, mas contra cujas sur-

presas a experiencia ainda não ensinara a combater.

A epopéa do primeiro desbravamento, isto é, da penetração litoranea, ainda não foi escripta. Quem dirá a rude subida de João Ramalho do lagamar da Bertioga, vingando, sozinho, entre os indigenas, as cristas bravias do Sanzalá, para alcançar as planicies de Santo André? Que energia não vestia de aço os musculos do Titan lusitano, que curvava ao respeito a indomita cerviz da tribu de Tibiriçá? Genro do cacique indigena, que o seu valor dominara, pae com certeza do primeiro paulista, transmittiu ao filho a resistencia ancestral e os rins infatigaveis com que, mais tarde, este iria penetrar os sertões e chegar ao Paraguay, espantando os seus colonisadores, que não comprehendiam como *los mamalucos de S. Pablo* pudessem atravessar as selvas «com tanta facilidade como elles as ruas de Madrid».

Caracteristico do brasileiro, que se lhe descobre desde o inicio da existencia, foi o de amar a terra pela terra e não apenas pelo que dá. Por isso, disputou-a ás outras nações. Por isso guardou sempre as suas fronteiras com um zelo de dragão. Ao espanhol interessava apenas o ouro. Não se radicava aonde não o houvesse. O portu-

guez não. Ficava onde puzera o pé. Tão aventureiro como o castelhano, era, comtudo, mais do que elle, colonisador e radicavel. Onde lhe nascesse um filho, ahi ficava com meia duzia de indios para o serviço e meia duzia de animaes domesticos para a criação.

A epopéa das bandeiras, quem é que a não conhec? Criadoras territoriaes do Brasil, que apenas os Andes impediram de alargar até o Pacifico, a que chegaram, a sua gesta heroica, que durou decennios e cujas estrophes são as linhas das nossas fronteiras, não tem simile na historia. A sua arrancada exprime uma coordenação de esforços successivos, que só se póde attribuir ao genio instinctivo da raça, uma vez que os monarchas espanhóes e portuguezes, sob cujos reinados se deram, nunca tiveram o pensamentos de empregal-as sinão como factores de descobrimentos mineraes. No entanto, foram ellas que fizeram o Brasil. E, sob cada marco de pedra erguido, como um padrão, nas extremas arcifinias, póde affirmar-se com segurança que branqueja a ossada de um bandeirante.

A mineração... Depois de traçar o seu mappa começou o Brasil a explorar-lhe os thesouros. Fez a epopéa da mineração. Estabeleceu um tapete rolante de ouro e de

diamantes do Rio para Lisbôa, donde o genio inglez descobriu meios de desvial-o para as suas manufacturas, lançando as primeiras bases da sua futura opulencia.

Quem viaja por Minas e observa as suas velhas catas, o sitio das explorações abandonadas, sente ainda hoje uma impressão de espanto ante o labor sobrehumano que revelam. Parece incrivel que, com os rudes instrumentos da época, fossem possiveis trabalhos taes, que se diriam da raça que levantou os muros de Mycenas. Nadou o Brasil em ouro. Mas não era seu. Não tinha licença de ter um ourives. Possuir um tear era crime de lesa-magestade. Permittia-se-lhe, quando muito, a róca e o fuso manuaes. Rico e miseravel, nababo e mendigo, o amor da terra, nutriz e dadivosa, o indemnisava, com as suas promessas, das exacções da Metropole. Continuou a trabalhar. E foi crescendo.

AS ESTRADAS DE SAL

AINDA não se deu a devida importancia ao commercio de sal como factor da civilisação brasileira. Foram, comtudo, as estradas de sal as primeiras que se abriram para levar aos sertões esse elemento vital para o homem e para o gado. Só depois delle é que foi possivel a industria pastoril. Surge, então, o tropeiro, o factor por excellencia das nossas communicações, o vaqueano dos campos e florestas, a bussola viva na incerteza dos rumos. Foram elles os primitivos engenheiros das nossas estradas. Sem telemetros e sem theodolitos, abriam entre dois pontos accidentados o caminho mais curto pelas rampas mais suaves.

Dir-se-ia que a Raça sempre trabalhou para o Futuro. A picada do indio marcou, em geral, o rumo da estrada do sal, que precedeu á do tropeiro, e ambas marcaram o leito da estrada de ferro. O percurso da S. Paulo Railway foi calcado inteiro num desses caminhos: o da descida dos Tupiniquins. A Mogyana reproduz a rota dos Anhangueras. Pena é

que se não houvesse aproveitado o caminho que demandava por terra Assumpção. As bandeiras, as minerações, os tropeiros, provam que o Brasil tinha a intuição de que era o Brasil ainda quando não tinha especificação nominal e quando ainda o bandeirante não se chamava sinão o portuguez de S. Paulo. Essa resistencia da raça ainda perdura como um laço commum entre os diversos typos regionaes. O gaúcho, apezar da endosmose pampeana e da affinidade platina tirou da visinhança o que tinha de bom para com isso refinar o seu patriotismo de defensor historico da Patria, daquelle que por ella até hoje mais sangue derramou. O matuto e o caipira de Minas e S. Paulo, menos épicos e mais utilitarios, com as facilidades de communicação dos dois grandes Estados quasi desappareceram, mas são a mesma phalange de desbravadores de sertões, que estão fazendo do norte do Paraná um novo S. Paulo. O sertanejo bahiano, que desce dos rincões nataes para vir, a pé, fazer a colheita dos cafezaes paulistas e volver alegremente aos lares, como si fossem um brinquedo as centenas e centenas de leguas de ida e volta; o nordestino que prefere a todas as outras a sua terra ulcerada de sol, que só a sabe abandonar no auge das seccas, e que ás primeiras

chuvas repudia todos os interesses para volver ao seio materno, onde o refrigerio das aguas curou as chagas solares; o cearense, que tem a fascinação da Amazonia, que a devassa e explora como ninguem e que, trocando a jangada dos «verdes mares bravios» pela igaraté das montarias, vae extrahir o ouro branco da *hévea,* desdobram, em suas explorações por zonas lethaes, uma faculdade de acclimação surprehendente.

A sua vida nos seringaes é a mais bella pagina da luta épica em que vivem, á beira do Rio-Mar, o homem e a natureza. Só uma tempera de platina póde ali resistir ás inclemencias do meio. Estão no matto, ás vezes, em plena derrubada. Chega a hora das sezões. Deixam de lado as ferramentas e acocoram-se no chão para tremer e bater o queixo. Durante uma hora, pallidos e cobertos de suor, tiritam de frio. Findo o accesso, voltam aos machados e dahi a pouco a floresta rebôa ao éco dos golpes que detonam sobre o cerne dos collossos vegetaes.

Toda essa raça, do Amazonas ao Chuy, fala a mesma lingua, reza aos mesmos santos, decora os mesmos versos, crê nas mesmas abusões, e, si o plasma regional a differencia nos caracteres secundarios, uma indefinivel intuição nacional a preserva,

pelo instincto e pela tradição, mais do que pela intelligencia, de esquecer que é brasileira.

Esse é o substractum vivo da raça. São as raizes mergulhadas na terra que levam a seiva ao tronco, á copa, á flor e ao fructo da arvore bemdita da Patria. Representam todos esses typos a energia da acção material.

OS TROPICOS

DESMENTIMOS um velho preconceito, contra o qual aliás, se insurgio o proprio Gobineau, lembrando que Babylonia, onde nunca chovia, e o Egypto, apesar da sua terrivel adustão, crearam grandes civilisações. Creámos uma civilisação tropical. Rehabilitámos os tropicos. Os systematisadores do orgulho nórdico criaram o mytho glaciario, segundo o qual só os paizes onde neva têm condições de habitabilidade. Coube-nos desmentil-o, e quem correr a Amazonia de hoje terá de reconhecel-o. A natureza tropical, depois de afeiçoada pelo homem, é um sorriso paradisiaco. Não é em vão que a Biblia pinta o Eden como um jardim temperado. No instante em que pudermos organisar a defesa contra as maximas do thermometro em nossas regiões mais quentes, estas mesmas não se tornarão impropicias ao homem. Note-se que já estamos adaptados, em grande numero dos nossos patricios. E' preciso, porém, não esquecer que a designação de paiz tropical dada ao Brasil, que tem todos os climas, é um erro palmar. A uma ou duas horas

do Rio estão Petropolis e Therezopolis, com os seus mil e duzentos metros de altura. Onde estão os tropicos? A oito horas do Rio estão os Campos do Jordão, onde, neste mês de Junho, é commum a geada e o thermometro désce a quatro e cinco gráos abaixo de zero. Nos estados do Norte ha, por toda a parte, climas mais ou menos semelhantes. Na propria Amazonia ha temperaturas excellentes e regiões saluberrimas. O planalto central, todo temperado, desconhece o calor acabrunhante. De S. Paulo ao Rio Grande do Sul o clima é todo europeu. Zonas temos de deserto, realmente insupportavel, mas que servem apenas para mostrar a superioridade do brasileiro, que ahi se acclima e prospera. O que se tem feito e o que se está fazendo na Amazonia, que, com certas regiões de Matto Grosso, e do Norte partilha o privilegio dos calores excessivos, é um padrão de gloria. O que inglezes e hollandeses não conseguiram fazer em suas Guyanas, de clima igual á nossa Amazonia, nós o fizemos nesta. A comparação do Amazonas com as Guyanas é esmagadora. Roosevelt ao chegar a Manaus não acreditava no que via. Aquella cidade equatorial desmentia todas as suas ideas sobre anthropo-geographia. Essa impressão cresceu ainda no espirito do avia-

dor italiano De Pinedo. De toda a sua maravilhosa peregrinação aerea a mais viva recordação foi a de quando, do alto do seu aeroplano, descobriu na sua acropole fluvial, branquejando entre as aguas e a floresta, como um sorriso da civilisação, a capital do Amazonas. O seu assombro não conheceu limites.

A MOLESTIA DE ADDISON

PINTAM-NOS como um gigante mascavo. Para o ciume a ignorancia ou o pouco caso estrangeiro somos o gigante cor de bronze, soffremos da molestia de Addison. Não devemos temer esse diagnostico. A therapeutica colloidal já consegue dominar essa degenerescencia das glandulas suprarenaes. O nosso tratamento seria facil; estaria em nossas mãos.

Doutra molestia rara nos individuos, mas menos escassa nas nações é de que nos devemos temer. E' da ossificação dos tecidos musculares por uma metamorphose fibrosa que termina em verdadeiros osteomas. E' da *myosite lithoide,* que se define pelas suas raizes gregas: empedramento dos musculos.

Essa estranha molestia, que petrifica corpos vivos, quando ameaça um paiz tem como symptomas de invasão o endurecimento das consciencias, em que os erros tomam a pouco e pouco a rigida concrecção do granito. Essa é a molestia que eu temo para o Bra-

sil, a de que todos os brasileiros devemos preserval-o, combatendo-a em todos os pontos em que ameace o organismo vivo da patria.

...CHE NELLA MENTE MI RAGIONA

PARA amar o Brasil o que é preciso? E' preciso primeiro que tudo vel-o, tel-o nos olhos da mente, crear a «certa imagine» aureolada de fulgor, de Leonardo.

E' preciso abarcal-o na grandeza das suas aguas, onde ha immensidades de oceanos, e das suas terras, onde ha immensidades de continentes. E' preciso sentil-o no esplendor de suas auroras e na serena magnificencia dos seus crepusculos. E' preciso comprehendel-o na peregrina bellesa das suas aspirações e escutal-o nas fibras mais reconditas da sua sensibilidade.

Sondei o recesso mais profundo da minha energia, para encontrar um poema onde pulsasse toda a grandeza do Brasil. Embalde. A rocha agreste, granitificada pelas decepções, pelas desillusões e pelas abdicações recusou-me a agua viva. Esse hymno, ante o qual recua a miseria da minha fraqueza, a consciencia das minhas faltas, o remorso dos meus erros, a contricção dos meus arrependimentos, a certeza da minha humildade, hão de compol-o outros,

para quem o futuro sorri, como a terra promettida ao gageiro da capitanea.

Não basta, porém, sentir a musica secreta da terra. O hymno mysterioso, que palpita e estremece em todos os corações, o hymno que eu não pude compor mas cuja aspiração balbucia em meus labios não é apenas pantheista, não celebra apenas a fascinação e a gloria da natureza como a araponga, que forja na garganta o disco em braza do sol nascente. E' tambem a voz do sino, arrancada ás entranhas da terra para fazel-a falar, é a palavra quente como a fusão dos metaes, onde resoam todas as emoções humanas, as dores e alegrias, os luctos e as festas, a alma dos mortos, a esperança dos vivos, a promessa radiante das nascituros.

A ACADEMIA DE CASTRO ALVES

AH! si os sinos de S. Francisco falassem! Si alguem pudesse transpor para a palavra humana a sonoridade das suas vibrações! Oh! si evocassem um certo dia do anno da graça de 1868!

Velada pelas suas neblinas, a velha S. Paulo academica dorme.

Os flocos de nevoas algodoam os torreões do Mosteiro Francisco. Tudo é silencio. De repente os sinos começam a tanger a matinas. Os campanarios das outras igrejas, escondidas pelos novellos de cerração, vão respondendo aos poucos.

Em breve, uma orchestra de carrilhões transforma o céu numa immensa campanula de cristal, que estremece e vibra ao roçar das notas argentinas. Reproduz-se a scena matinal da cidade flamenga, onde apenas vive a alma dos sinos.

Quem deu esse rebate ás harmonias celestes? Quem despertou a cidade morta das consciencias? Foi o Sineiro do Porvir que se chamou Castro Alves.

Que scena e que homens naquella tarde de 1868 em que nesta mesma sala, talvez

neste mesmo logar de onde estou fallando, o moço Castro Alves recitou aos companheiros o poema que ia ser a columna de fogo da Abolição!

E que auditorio! E que estudantes! E que promessas!

No primeiro banco, lado a lado, dois moços, um paulista, outro mineiro, estremecem á voz do joven bahiano. São rivaes de proselytismo. Ambos preparam a proxima eleição para a chefia do jornal academico. O primeiro, já tempéra de benevola ironia a sua experiencia dos homens; o segundo, mais vibratil e impulsivo, mas da mesma estirpe mental, completa-se pelo companheiro de quem nunca se afastará. Ambos são politicos, ambos estudam a dynamica pessoal que permitte a ascensão na vida publica. Chamam-se Francisco de Paula Rodrigues Alves e Affonso Augusto Moreira Penna.

De pé, desempenando junto á parede a estatura apollinea, um joven pernambucano, o mais bello homem do seu tempo, Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo estampa no rosto marmoreo, embevecido nas pupillas de Castro Alves, o clarão de Tarso.

Ao fundo, franzino, de aspecto melancolico e grave, enlutado de um dó recente,

um conterraneo do «Cecéu» escuta-o commovido. E' um moço de quem já se murmuram prodigios, mas que, vivendo mais para as idéas do que para os homens, nunca deverá contar com estes. E' Ruy Barbosa, cujo coração inda sangra do lucto materno.

Quem poderia imaginar dentre os circumstantes o que chegariam a ser esses quatro moços! A dois delles reservava o destino o logar já descoroado do então Imperador. Governariam o Brasil republicano prestando-lhe os maiores serviços. O terceiro succederia a Castro Alves no principado da Abolição, e, das letras, da historia e da diplomacia, forjaria o pedestal de um dos mais bellos specimens da raça.

O quarto faria do coração o divino manancial de toda sua epoca. Delle jorrariam em torrentes de ouro e cristal todas as aspirações não só do seu paiz como da humanidade contemporanea. Integralisador de aspirações incoherentes, coordenador de energias dispersas, espiritualisador da palavra, a que o seu sopro dava a energia do coronium solar, martyr que galgou o Calvario da politica com o lenho do vilipendio aos ombros, a sua velhice foi comtudo um Thabor, donde a sua imagem resplandeceu sobre a face dos homens numa consagração universal. Tinha de ser o orgulho e o sym-

bolo espiritual da raça. Não é preciso repetir-lhe o nome. Foi o Unico.

Castro Alves, o astro que tinha quatro satellites desses, precedeu-os a todos na conquista e na realisação de si mesmo. Foi o orgulho e o carinho de cada um dos quatro. Era o laurel da sua geração e a saudade mais pura da sua commum juventude. Sentiam-se engrandecidos por elle, por maiores que fossem. Castro Alves, como expressão genial que era da raça, não despertava ciumes, provocava applausos.

Foi daqui desta mesma sala que o poeta dos escravos leu o «*Navio Negreiro*». Aqui proferiu Castro Alves o Cantico da Redempção, a cujas notas esboroaram-se as muralhas da Jerichó escravista. Como o radium embebe das suas emanações os lugares visinhos, o seu genio dir-se-ia que fluoresce nestas paredes.

Dir-se-ia que a Providencia, á falta de instrumento humano capaz, quiz ao menos reviver a faisca de Castro Alves no ninho onde nasceu. Um acaso miraculoso fez-me o possuidor do manuscripto do «*Navio Negreiro*». Estes dedos tem-no folheado longa e piedosamente, como que para roubar-lhe a scintilla da paixão brasileira que os electrisa. Não tive sinão a missão de extrail-a dessas paginas, esmaecidas pelo tempo, mas

ainda aquecidas do seu halito e da sua respiração, para augmental-a com a luminosidade que arde nestas paredes e entregal-a á geração de moços que são o Brasil de amanhã. E' uma braza coberta das cinzas do tempo. Não a tenho na cabeça, bem o sei. Mas tenho-a nas mãos, ardentes do seu contacto, para entregal-a ao sopro das almas juvenis, a quem compete conserval-a accesa.

Si aqui desta sala nasceu a redempção dos escravos, nenhum local melhor para pregar uma Cruzada contra a detracção, que tambem é um captiveiro. O Brasil jaz amarrado ao tronco da inferioridade racial pelos grilhões de ferro da ignorancia. Precisamos libertal-o. Que caiba o rebate dessa missão ao velho Mosteiro Franciscano.

A NOVA REDEMPÇÃO

QUE o preconceito ethnico desappareça. Que a idéa do Brasil symbolisado num «Navio Negreiro» em cujos porões nós os brasileiros nos amontoamos como os pobres africanos, «sem luz, sem ar, sem razão», se dissipe e desappareça completamente dos nossos horizontes como o «*brigue em chammas*» de Castro Alves nos abysmos de violeta e purpura dos crepusculos.

Não. O Brasil não vae para o futuro com a carga do Corsario Sinistro. A sua tripulação guarda traços talvez de muitas raças. Mas a sua bussola, orientada pelo polo latino, ha de leval-o depressa ás regiões do porvir, que desconhecem preconceitos de raça.

Ahi está a faisca de Castro Alves, a faisca da Nova Redempção, a faisca da Rehabilitação do Brasil. Não a deixeis apagar.

Em vão querem esculpir o Brasil em basalto negro como o escriba egypcio. Elle

não foi estatuado na rigidez inorganica da pedra. A energia intra-molecular que o diviniza não cabe nos blocos, onde o genio dos cinzeis eternisa as formas contingentes.

Plasmado em granito humano, a gran da sua cutis tem reflectido as cambiantes dos seculos. Do porphyro arroxeado ou rosijalde de Itupararanga ao marmore castanho de Goyaz e ao granito preto da Gavea, a sua epiderme reflectiu todos os matizes. Mas um principio interior, a luz latina, aquece a sua atomicidade com a força que dá a cada cellula o movimento helicoidal e turbilhonante de um mundo em formação. A pedra em vez de opaca é transparente. Desempedra-se. O granito em vez de coheso, desgranitisa-se. A dissociação da materia restitue ao Cosmos a energia formidavel que a integrava. Myriades de scintillas fagulham na atmosphera. A estatua animada, resplandescente, vitalisada, flammeja numa luz interior que annuncia o ponto branco das grandes fusões. E' esse o Brasil de hoje, o colosso de Memnon onde o sol nascente accorda as harmonias do porvir.

Ahi está a faisca. *De profundis clamavi ad te, Brasil.* Não acceites conclusões precipitadas. Examina. Não te conformes com sentenças injustas. Appella. Não te ame-

drontes com autoridades consagradas. Analysa. Não te compenetres de malsinações preconcebidas. Discute. Não acceites resignado a affirmação da tua inferioridade racial. Confronta. Não te contentes em allegar. Prova.

IMPRESSO NAS OFFICINAS
DA
EMPREZA GRAPHICA ROSSETTI LDA.
RUA DOS GUSMÕES, 28
SÃO PAULO
1928

A. Marrocos

BAPTISTA PEREIRA

PELO BRASIL MAIOR:

CIVILISAÇÃO CONTRA BARBARIE.
O BRASIL E A RAÇA.
AS DIRECTRIZES NACIONAES.

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 047094070